

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA¹
DEPARTAMENTO DE ARTE CORPORAL
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**



UFRJ

Trabalho de Conclusão do Curso

**DANÇA E EDUCAÇÃO SOMÁTICA: EXPERIÊNCIAS COM O
CAMPO DA EDUCAÇÃO SOMÁTICA DURANTE A
FORMAÇÃO EM DANÇA DA UFRJ**

Patricia Andrade da Silva Leite

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Ruth Silva Torralba Ribeiro

Coorientador(a): Prof^ª. Me. Tânia Tiemi Ikeoka

Rio de Janeiro
2021

¹ EEFD – Escola de Educação Física e Dança. Uma Escola do Corpo [#byCalfa], um lugar onde a Dança está presente, e se apresenta. Ocupamos esse Espaço. Pertencimento. Nós somos Dança e queremos estar.

PATRICIA ANDRADE DA SILVA LEITE

**DANÇA E EDUCAÇÃO SOMÁTICA: EXPERIÊNCIAS COM O
CAMPO DA EDUCAÇÃO SOMÁTICA DURANTE A FORMAÇÃO
EM DANÇA DA UFRJ**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado para obtenção do grau de
Licenciatura em Dança, Departamento
de Arte Corporal, Escola de Educação
Física e Dança, Universidade Federal do
Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Ruth Torralba
Coorientadora: Prof^ª. Me. Tânia Ikeoka

RIO DE JANEIRO
2021

PATRICIA ANDRADE DA SILVA LEITE

**DANÇA E EDUCAÇÃO SOMÁTICA: EXPERIÊNCIAS COM O
CAMPO DA EDUCAÇÃO SOMÁTICA DURANTE A FORMAÇÃO
EM DANÇA DA UFRJ**

Trabalho de Conclusão de Curso orientado pelas professoras Ruth Torralba e Tânia Ikeoka, apresentado ao curso de Licenciatura em Dança do Departamento de Arte Corporal da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Dança.

APROVADA EM: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Ruth Silva Torralba Ribeiro
Orientadora - UFRJ

Prof^ª. Me. Tânia Tiemi Ikeoka
Orientadora

Prof^ª. Dra. Lidia Costa Lorangeira
Banca Avaliadora

Dedico este trabalho aos meus avós Néa Alcina da Silva e Hélio Patrocínio Leite que tanto fizeram por mim e formaram meu ser. Meu amor por vocês transborda infinitude. Obrigada por tanto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus e ao universo por proporcionar a vida e a abundância e me dar forças e determinação para realização deste trabalho.

Agradeço à minha família, meus pais e ao meu marido Rafael Barreto por estar sempre ao meu lado e me ajudar a encarar essa jornada chamada Tcc...Agradeço ao meu filho Lucas Andrade Barreto por me ensinar sobre o cuidado e o amor incondicional mais puro que pode haver na existência, me ensinando a ser sua mãe.

Agradeço imensamente às minha orientadoras Tânia Ikeoka e Ruth Torralba, duas mulheres incríveis que me acompanharam e me deram as mãos nesse processo, me guiando e orientado com cuidado e carinho durante todo o percurso. Gratidão profs! Vocês são luz!

Muito obrigada às professoras Letícia Teixeira, Maria Ignez Calfa e Silvia Soter por me concederem entrevistas que foram muito enriquecedoras para meu aprendizado e para este trabalho. Obrigada por essa experiência de escuta e pela oportunidade de aprender a partir de um saber que emerge de trajetórias admiráveis e inspiradoras.

Agradeço aos professores do DAC que mesmo com tantos afazeres por conta da loucura pandêmica disponibilizaram seu tempo para responder ao questionário com muito carinho! E também aos amigos da Dança que participaram da pesquisa e responderam o questionário com todo amor, amizade e afeto! Obrigada gente!

Por fim, agradeço aos amigos, que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e aos meus colegas de curso, pelas experiências dançantes compartilhadas ao longo da nossa formação. #Aomas

RESUMO

O presente trabalho pretende em primeiro lugar trazer reflexões acerca do campo da Educação Somática a partir da pesquisa bibliográfica, e também da experiência de escuta de saberes e experiências em entrevistas feitas com professoras que atuam no campo. Além disso, este trabalho visa analisar o espaço que o campo da Educação Somática tem na graduação em Dança da Universidade Federal do Rio de Janeiro e a forma como ele aparece tanto na formação do aluno, como no currículo acadêmico. Para tal, foi feita uma pesquisa com alunos e professores do Departamento de Arte Corporal da UFRJ, realizada através de um questionário online. A pesquisa ocorreu de forma quantitativa e qualitativa, com análise de dados através de gráficos e escalas que pudessem mensurar as respostas e mostrar os dados estatísticos. Além disso, foram apresentados esquemas com algumas falas, ressaltando os dados qualitativos que são as experiências desses alunos e professores com o campo durante sua trajetória discente e docente na UFRJ.

Palavras-chave: Educação Somática. Experiência. Dança. Pesquisa.

ABSTRACT

The present work intends in the first place to bring reflections of Somatic Education from the bibliographic research, and also from the experience of listening to knowledge and experiences in interviews with teachers who work in the field. In addition, this work aims to analyze the space that Somatic Education has in the undergraduate program in Dance at the Federal University of Rio de Janeiro, and the way that Somatic Education appears in the student's education and in the academic curriculum. To this end, a survey was conducted with students and professors from the Department of Body Art at UFRJ, conducted through an online questionnaire. The research took place in a quantitative and qualitative way, with data analysis through graphs and scales that could measure the responses and show the statistical data. In addition, schemes with some lines were presented, highlighting the qualitative data that are the experiences of these students and teachers with Somatic Education during their student and teaching trajectory at UFRJ.

Keywords: Somatic Education. Experience. Dance. Research.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1: Gráfico – Alunes x Cursos.
- Figura 2: Gráfico – Alunes x Período.
- Figura 3: Gráfico – Você sabe o que é Educação Somática?
- Figura 4: Esquema – Algumas Falas sobre Educação Somática.
- Figura 5: Esquema – Educação Somática a partir do Corpo.
- Figura 6: Esquema – Visão Holística e Integrativa.
- Figura 7: Gráfico – Conhecendo Métodos da Educação Somática.
- Figura 8: Escala – Métodos Mais Citados.
- Figura 9: Gráfico – Contato com Educação Somática através da UFRJ.
- Figura 10: Gráfico – Contato com Métodos da Educação Somática na Graduação.
- Figura 11: Escala – Disciplinas mais Citadas.
- Figura 12: Gráfico – Contato com Métodos Somáticos na Graduação.
- Figura 13: Esquema – “Gostinho de Quero Mais”.
- Figura 14: Esquema - Encontros Somáticos na Graduação.
- Figura 15: Esquema – Experiências Somáticas.
- Figura 16: Esquema – Professores e Trajetórias Somáticas 1.
- Figura 17: Esquema – Professores e Trajetórias Somáticas 2.
- Figura 18: Gráfico – Conhecimento sobre o Campo.
- Figura 19: Gráfico – Formação em Práticas Somáticas.
- Figura 20: Gráfico – Sobre o ensino da Educação Somática.
- Figura 21: Escala – Disciplinas Citadas pelos Professores.
- Figura 22: Gráfico – Currículo acadêmico.
- Figura 23: Gráfico – Formação do Aluno.
- Figura 24: Esquema – Sobre o Espaço do Campo da Educação Somática.
- Figura 25: Esquema – Abordagem Somática 1.
- Figura 26: Esquema – Abordagem Somática 2.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	01
2. O QUE É EDUCAÇÃO SOMÁTICA?.....	04
3. EPISTEMOLOGIA DAS PRÁTICAS SOMÁTICAS.....	07
3.1. Epistemologia Mecanicista X Epistemologia Somática.....	08
3.2. Princípios Gerais em Comum às Práticas Somáticas.....	10
4. NO QUE DESENCADAIAM AS PRÁTICAS SOMÁTICAS.....	14
4.1. Considerações acerca da Experiência.....	15
5. SABERES E TRAJETÓRIAS: ENTREVISTAS E DESCOBERTAS SOBRE O CAMPO.....	19
5.1. Entrevista Leticia Teixeira.....	21
5.2. Entrevista Maria Ignez Calfa.....	24
5.3. Entrevista Silvia Soter.....	28
6. PESQUISA COM O CORPO DOCENTE E DISCENTE DO DAC/UFRJ.....	34
6.1. Pesquisa com Alunes	35
6.1.1. Perspectivas sobre Educação Somática.....	36
6.1.2. Sobre os Métodos Somáticos.....	39
6.1.3. Educação Somática e os Cursos de Dança da UFRJ.....	41
6.1.4. Experiências Somáticas ao Longo da Graduação.....	44
6.2. Pesquisa com Professores.....	49
6.2.1. Conhecimento e Formação em Práticas Somáticas	50
6.2.2. O Ensino da Educação Somática nos cursos de Dança da UFRJ.....	52
6.2.3. Processo de Formação e Currículo Acadêmico.....	54
7. CONSIDERAÇÕES E ENTRELACES.....	59
7.1. Sobre as Entrevistas: Tecendo Pontos em Comum.....	59
7.2. Os Deságues da Pesquisa.....	60
7.3. Considerações Finais.....	63
REFERÊNCIAS	64
ANEXO A: FORMULÁRIO AOS ALUNES.....	65
ANEXO B: FORMULÁRIO AOS PROFESSORES.....	66

1. Introdução

Minha formação em Licenciatura em Dança, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, despertou o interesse pela pesquisa em Educação Somática, pois seus princípios iam de encontro com a forma como penso o corpo e o movimento. Esse despertar se deu a partir das experiências que tive na graduação relacionadas à corporeidade. Trabalhar com o foco na subjetividade, sempre levando em consideração a experiência de cada um, e com ênfase no despertar de um estado de presença, de conscientização e percepção de si era a forma de fazer Dança que eu queria trilhar. Ao longo da graduação busquei aprender um pouco mais sobre a sinergia que o encontro entre Dança e Educação Somática é capaz de gerar. Participei de seminários, encontros, congressos que abordavam o tema, com pessoas que atuam com práticas somáticas. A cada contato, experiência e conhecimento que ia chegando à mim, meu interesse em saber mais sobre o campo e suas práticas aumentava, e assim resolvi desenvolver este trabalho de conclusão sobre o universo da Educação Somática.

Ao desenvolver essa pesquisa estava buscando aprender mais sobre o que é, afinal, Educação Somática, quais as técnicas que poderiam ser consideradas desse campo, e o que exatamente as consagrava como fazendo parte desse campo. Quando se pensa em Educação Somática, se pensa em técnicas? Quais? O que diferencia um método da Educação Somática de outro? O que faz uma prática ou método ser considerado como somático? Muitas questões começavam a direcionar meus caminhos de pesquisa.

Cada método da Educação Somática tem sua história e princípios pedagógicos próprios e minha pesquisa passou a ser entender as semelhanças e diferenças entre eles. Quando comecei a estudar os métodos para compreender mais e poder escrever sobre eles, percebi que isso não seria possível, principalmente por não ter formação em nenhum desses métodos. Um eutonista por exemplo, faz uma formação de anos, investindo tempo e dinheiro para aprender sobre o método e sua aplicabilidade. Eu não teria propriedade para falar sobre a Eutonia como um eutonista teria, e muito menos colocar esses métodos em diálogo. Meu desejo em desenvolver esse material foi se resignificando a cada livro ou artigo que eu lia...

Após perceber que não seria possível falar a partir de outro lugar, senão da experiência, pensei em pesquisar o campo através de laboratórios de criação e pesquisa, utilizando práticas e exercícios somáticos, não trazendo métodos específicos, mas a

minha experiência de corpo e movimento. Porém, com a chegada da Pandemia, e a impossibilidade de estarmos juntos vivenciando essas trocas, toques e afetos, foi preciso, repensar e reinventar os caminhos da pesquisa. E assim, surgiu a ideia de vivenciar uma experiência de escuta e aprender sobre o campo a partir da experiência e trajetória de três professoras que me agregaram muito conhecimento sobre o corpo e proporcionaram experiências somáticas durante minha formação e que dão aulas em disciplinas no Departamento de Arte Corporal da UFRJ, se utilizando de abordagens somáticas em suas práticas de ensino: Letícia Teixeira, Maria Inês Calfa e Silvia Soter.

Ao mesmo tempo, toda pesquisa e leitura me fizeram perceber que o contato com métodos somáticos na graduação é muito pequeno, e que pouco ouvi sobre as práticas somáticas durante minha formação. Essa ficha caiu quando estava lendo o livro “Consciência Pelo Movimento”, de Feldenkrais e vi um exercício² que eu havia feito em uma aula no primeiro ano da graduação. Esse exercício trouxe melhoras imediatas para minha postura e ficou registrado na minha consciência e no meu corpo. Ao encontra-lo na leitura e descobrir que era um exercício proposto por Feldenkrais, percebi que o contato com o campo se dava na graduação, porém de forma indireta. Conteúdos do campo da Educação Somática chegavam até nós, porém sem “dar nome aos bois”. Certamente não era a proposta da disciplina ensinar o método Feldenkrais propriamente dito, e, portanto, o professor apenas se utilizou de um exercício para dar o conteúdo presente na ementa. Ter me dado conta disso, me fez olhar para minha trajetória na graduação e perceber que pouco fomos apresentados aos métodos somáticos de forma direta, muitas vezes por não fazer parte da ementa da disciplina e, portanto, não ser o objetivo da aula, e também, entendendo que o fazer em dança é algo orgânico em que a transmissão da experiência às vezes não vem de modo consciente e muito menos teorizada.

E assim, a escolha pelas entrevistas online e pelo questionário online se deu primeiramente pela impossibilidade de estarmos juntos vivenciando essas experiências e também a partir de um desejo e uma curiosidade de compreender como alunos e professores veem o campo da Educação Somática nos cursos de Dança da UFRJ dentro do currículo acadêmico e no processo de formação e suas perspectivas em relação a

² O exercício é a *Lição 6* do livro citado: “*Diferenciação dos Movimentos Pélvicos por Meio de um Relógio Imaginário*.” O exercício proposto foi uma adaptação deste, pois no livro Feldenkrais propõe um número de repetições superior às repetições feitas em aula.

hipótese que o contato dos alunos com a Educação Somática e seus diferentes métodos durante a graduação em Dança (UFRJ) de forma direta é ainda muito pequeno.

Portanto, o objetivo geral deste trabalho é analisar o espaço que o campo da Educação Somática tem na graduação em Dança da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Para tal, foi aplicado um questionário online aos professores do Departamento de Arte Corporal da UFRJ e alunos a partir do 3º período, sendo considerados os três cursos: Bacharelado em Dança, Licenciatura em Dança e Bacharelado em Teoria da Dança. A pesquisa se deu de forma mista, tanto qualitativa como quantitativa, com perguntas mais fechadas cujas respostas foram previamente definidas com alternativas: “sim”, “não” e “não sei responder”, bem como numa escala de 1 até 5, onde: 1) ruim, 2) razoável, 3) bom, 4) muito bom e 5) excelente; a fim de organizá-los em gráficos para validar ou não a hipótese apresentada, e com perguntas mais abertas, a fim de se levar em conta a subjetividade e singularidade de cada um.

A análise e discussão dos dados qualitativos se deu a partir da reflexão dos comentários feitos por alunos e professores que apontaram caminhos de pensamento levando em consideração suas experiências e trajetórias enquanto docentes e discentes do Departamento de Arte Corporal da UFRJ. Esses caminhos, que enquanto pesquisadora pude percorrer, me levaram a construção do pensamento com e através das falas que indicaram norteadores comuns de pensamento dos participantes. Algumas falas, tanto de alunos quanto de professores, foram trazidas na íntegra através de esquemas, pois foi considerado importante trazer o olhar daquele que fala, respeitando sua trajetória, experiência e posicionamento. A tabulação dos dados quantitativos obtidos se deu através de gráficos que apresentaram os dados estatísticos. O formulário dos alunos encontra-se no como ANEXO A e dos professores como ANEXO B.

Este trabalho de conclusão de curso também teve como objetivo desenvolver um escrito acerca do campo da Educação Somática, buscando responder as indagações iniciais sobre o que é Educação Somática, contextualizar e compreender este campo do conhecimento, fazendo uma análise epistemológica do campo e mapeando os principais conceitos somáticos a partir de alguns teóricos. Pretende também trazer o encontro entre a Educação Somática e Dança a partir da experiência de escuta e reverberação do saber oral transmitido pelas professoras entrevistadas. As entrevistas, assim como a pesquisa bibliográfica, foram usadas como método de pesquisa para desenvolver tal escrito, trazendo conceitos ligados ao campo da Educação Somática a partir das experiências, saberes e trajetórias dessas três professoras mulheres que tanto admiro.

2. O que é Educação Somática?

A Educação Somática é um campo do conhecimento que compreende diferentes práticas corporais surgidas no Século XX nos Estados Unidos e na Europa, em sua grande maioria. Seus pressupostos permitem novas abordagens de movimento que respeitam os limites anatômicos do corpo e estimulam a pesquisa de novos padrões de movimento. A Educação Somática emerge de um conhecimento interdisciplinar pelo caminho da consciência do corpo e seu movimento. Dentre as principais práticas somáticas identificadas e reconhecidas como tal, estão a Antiginástica, Eutonia, Feldenkrais, Laban/Bartenieff, Body-Mind Centering, Ginástica Holística, Técnica de Alexander, Método Cadeias Musculares e Articulares G.D.S, Método Dani Bois, Somaritmos, Ideokinesis, Ehrenfried, Técnica Klauss Vianna, Metodologia Angel Vianna e Rolfing.

Os pioneiros do campo³ partiram de questões pessoais para elaborar seus métodos somáticos e o campo da Educação Somática foi se criando a partir da pesquisa de pessoas que precisavam ter um foco maior sobre si e sobre seu processo de recuperação. “Os seus criadores, muitos deles motivados pelo desejo de curar-se, rejeitando as respostas oferecidas pela ciência dominante, passaram a investigar o movimento nos seus próprios corpos”. (STRAZZACAPPA, 2006 apud DOMENICI, 2010, p.70). As experiências vividas por cada um desses pioneiros foram fundamentais para que pudessem desenvolver técnicas corporais capazes de promover a saúde do corpo, encontrando caminhos e soluções. Strazzacappa (2000) nos traz que estes “reformadores do movimento”, conforme denominou, estavam interessados em compreender o corpo sob a perspectiva da singularidade de cada indivíduo e partiram das suas vivências e experiências sensoriais, desenvolvendo pesquisas fundamentalmente empíricas, tendo sua teorização se dado posteriormente.

As técnicas definidas pelos reformadores do movimento colocaram em cheque a medicina tradicional normalmente praticada nos países da Europa e da América. Moshe Feldenkrais (que teve um grave problema no joelho), Mabel Todd (que foi vítima de paralisia), Matthias Alexander (um ator que perdeu a voz), citando apenas alguns à título de exemplo, não concordavam com as soluções trazidas pela medicina tradicional da época. (STRAZZACAPPA, 2000, p.50).

³ Termo usado por Márcia Strazzacappa, que faz referência ao pionerismo quanto ao desenvolvimento de técnicas corporais específicas com foco no movimento e na recuperação do movimento.

O conceito de “Educação Somática” foi definido por Thomas Hanna, em 1983 num artigo publicado na revista *Somatics*⁴. De acordo com Márcia Strazzacapa, a expressão criada por Thomas Hanna afirma que Educação Somática é “a arte e a ciência de um processo relacional interno entre a consciência, o biológico e o meio ambiente. Estes três fatores vistos como um todo agindo em sinergia”. (HANNA, 1983, p.7 apud STRAZZACAPPA, 2000, p.48).

A palavra “soma”, de origem grega, significa corpo, um organismo vivo, criativo e inteligente. Esse corpo que habitamos, vive de forma interdependente de outros seres que também habitam o planeta. O corpo é memória. Ele carrega toda uma trajetória de vida e tem em si a cultura vivida dentro do contexto sócio cultural de cada um. É importante destacar que esse *corpo-soma*, vai além dos aspectos físicos e leva em consideração os aspectos subjetivos, simbólicos e sociais, construídos a partir da experiência.

O soma é o modo que cada um de nós experiência, vivencia, numa perspectiva interior, os fluxos de sensações e sentimentos; o modo de emocionar, desejar, imaginar, fazer, mover-se; o modo de ser e estar no mundo; nossa confiança, sentido de segurança, equilíbrio; o modo de alegrar-se, de entristecer-se, de sofrer, de relacionar-se com objetos, lugares, acontecimentos, pessoas; e o modo de relacionar-se sexualmente. (VIEIRA, 2015, p.136).

E assim, o soma é entendido como um corpo observado internamente, percebido do ponto de vista da própria pessoa, contrapondo a noção de corpo observado por uma terceira pessoa, o que para Domenici (2010) traz uma distinção categórica de corpo, pois os modos de percepção se diferenciam de acordo com a subjetividade de cada ser e assim, a noção de soma se dá partir de sensações que nos fornecem dados únicos de nós, ou seja, a partir da propriocepção de cada um.

Se formos pensar no desenvolvimento do campo da somática ao longo dos anos, Lima (2010 apud Fortin 1999, p. 41) nos coloca que de acordo com Michèle Mangione (1993), podemos pensar em três períodos distintos: da virada do século até 1930; de 1930 a 1970; e dos anos 70 em diante. No primeiro período os pioneiros do campo desenvolveram seus métodos a partir da busca de curar algo em si mesmo. No segundo foi onde se deu a disseminação dos métodos por parte dos estudantes formados pelos pioneiros. No terceiro período temos diferentes aplicações se integrando às práticas e

⁴ <http://www.somaticsed.com/magJournal.html> (Site da Revista).

estudos terapêuticos, psicológicos, educativos e artísticos. Marcílio Souza Vieira (2015, p.130) acrescenta que esses períodos foram retificados:

O terceiro período, na verdade, foi organizado dos anos 1970 até os anos 1990. As décadas de 1990 e 2000 foram caracterizadas pela integração dos métodos e das diversas técnicas terapêuticas, psicológicas, educacionais e artísticas. Por fim, os anos 2000 em diante compreenderam a institucionalização do método, em que não somente o conhecimento social desse se ampliou, como também começou a dar-se o desenvolvimento de uma comunidade de pesquisadores sobre o tema que passou a promover o diálogo entre o campo da somática e o universo acadêmico.

Uma questão que acredito ser fundamentalmente importante de ser levantada neste trabalho é o que define um método como sendo somático? Quais características necessárias na técnica somática para determiná-la como tal? Strazzacappa (2000, p.52) responde:

O que permite a uma determinada técnica ser considerada como Educação Somática não é o fato de ser realizada com maior preocupação e atenção com o corpo, e sim, [...] sua gênese, seus fundamentos, suas metas e as metodologias empregadas para chegar a esses objetivos.

3. Epistemologia das Práticas Somáticas

Para fazer uma análise epistemológica das práticas somáticas é preciso entender como os conhecimentos do corpo foram elaborados e transmitidos nos métodos da Educação Somática. Ao falar de uma construção generalizada, temos como ponto de partida, o discurso científico e a forma como cada método constrói esse discurso. Apesar de entender que cada método tem sua própria abordagem pedagógica, este trabalho não irá aborda-los separadamente, mas de forma geral, entendendo a Educação Somática como um campo do saber, refletindo acerca da produção de conhecimento desse campo.

A pesquisadora Débora Bolsanello (2005) nos traz que a partir de uma mudança de paradigma da relação corpo x sujeito, a experiência humana e a subjetividade passaram a ser validadas como fonte de conhecimento. Essa mudança de paradigma se dá pelo pós-positivismo e pelo questionamento epistemológico trazido pela fenomenologia, onde o corpo é visto como um fenômeno da experiência humana. O homem passa a ser visto como um ser total, com capacidade autorregulatória, que busca sempre o estado de equilíbrio de acordo com a autora. “Sob essa ótica filosófica, o professor de educação somática não se interessa somente pelo corpo da pessoa, mas principalmente por sua experiência através do corpo.” (BOLSANELLO, 2005, p.105).

Para Isabelle Ginot (2010), os métodos somáticos, de uma forma ou de outra, tentam uma aproximação com a ciência, mas nenhum deles se apoiam em argumentações tradicionais da ciência, como a formulação de hipóteses e suas verificações científicas através de testagens das hipóteses. Ela enfatiza que o lugar de subjetividade das práticas somáticas faz com que o conhecimento produzido experimentalmente não seja válido para a ciência clássica, e acrescenta que perceber a aproximação dos discursos somáticos da ciência, a princípio pode ser mais difícil, visto que o método somático nasce a partir de uma experiência vivenciada de forma individual. Esse pensamento acaba colocando o discurso científico do método de forma periférica, trazendo o saber da experiência para o centro. Porém, mesmo que cada método trate os corpos de forma singular, a autora diz existir algo no estudo dos métodos que os colocam em contato com a ciência, trazendo como exemplo Feldenkrais, em que o saber das neurociências representa um papel importante no método.

As práticas da Educação Somática, de maneira geral, identificam a unidade corpo-mente. Esse é um ponto central e também de enfrentamento a essa lógica racional, científica e eurocêntrica, levando em conta tanto os conhecimentos objetivos, quanto os conhecimentos subjetivos a partir da experiência da subjetividade-corpo. Ginot ressalta como métodos de construção do conhecimento do campo a observação objetiva e a interpretação subjetiva da experiência. Temos então dois grandes modelos que sustentam a legitimação do campo somático: o discurso científico e o relato da experiência. E para a autora o desafio é trazer os dois modelos que aparentemente são antagônicos para caminharem juntos.

A observação “científica” caracteriza-se por uma vontade de objetividade, ou seja, a possibilidade de repetir a experiência e a observação, seja qual for a percepção do sujeito. Ao contrário, a prática somática consiste precisamente em levar em conta tanto a observação objetiva (por exemplo, a postura do aluno tal como “vista” pelo praticante), quanto a percepção subjetiva do praticante e do aluno. (GINOT, 2010, n.p.).

A autora acrescenta que dentro da Educação Somática, a experiência tem um valor absoluto e existem formas de validar o discurso somático enquanto saber a partir daí. A validação do método a partir da vivência se dá primeiramente através de uma experiência pessoal, que a autora coloca como sendo um “relato fundador”:

A voz de Alexander, a fraca constituição de Elsa Gindler, o joelho de Feldenkrais, os reumatismos de Gerda Alexander... Aqui, a legitimação vem, supostamente, não apenas da solução positiva do relato – o fundador curou-se a si próprio e depois aplicou “seu método” nos outros para curá-los também. (Ibid., n.p.).

Outra forma de validação a partir da vivência é o relato de caso, cujo ponto de partida é sempre a história pessoal do indivíduo. Ginot (2010, n.p), ressalta que apesar do relato ser uma figura chave para a transmissão do conhecimento somático, paradoxalmente eles são pobres de elementos somáticos pois “aprende-se muito pouco sobre a experiência do sujeito central, em matéria de “consciência” de sensações”, ressaltando ainda que a descrição é sempre feita do ponto de vista do observador.

3.1. Epistemologia Mecanicista x Epistemologia Somática

As práticas Somáticas geram novas descobertas do corpo, permitindo diferentes modos de fazer dança, a partir de caminhos de criação e processos investigativos. Para entender o campo, é importante entender a dicotomia presente na epistemologia mecanicista e na epistemologia somática, e compreender como novas formas de elaboração de conhecimento surgem a partir das experiências somáticas.

Quando falamos de uma visão mecanicista dentro do universo do movimento, falamos de um olhar voltado ao lugar da repetição do movimento. Cópia. Muitas técnicas de dança trabalham com uma codificação do movimento, e para se utilizar da técnica o performer/dançarino precisa reproduzir movimentos corporais. Sem contar que algumas técnicas ainda tem o lugar de preocupação com a estética, o belo. O movimento acaba entrando num lugar de busca da perfeição. Não adianta apenas copiar, tem que haver perfeição. Não existe preocupação com a singularidade de cada dançarino e com o corpo de cada um. “Ao contrário, o dançarino dever-se ia colocar à disposição do coreógrafo, anulando, se preciso (e possível) fosse, suas características pessoais. [...] O dançarino é, assim, um instrumento (uma massa de modelar) a serviço de uma estética”. (STRAZZACAPPA, 2009, p.49).

A pesquisadora Eloisa Domenici (2010), coloca que no paradigma mecanicista, a repetição é o principal caminho para se aprender um movimento, e isso pode levar a um automatismo que diminui a autopercepção. No segundo paradigma, que ela chamou de “dinamicista ou sistêmico” a autopercepção é fundamental para a melhora da performance e mantém os sentidos bem vivos. Para ela, uma mudança de paradigma epistemológico no campo da dança vem transformando essa valorização de corpos “balleticos” que prezavam pela cópia de movimentos pré-concebidos. Agora a noção de movimento passa a incluir “micromovimentos articulares ou a simples modificação dos estados tônicos do corpo.” (DOMENICI, 2010, p.80). E assim, os mecanismos de movimento do corpo passam a ser observados a partir de si, da investigação e experimentação do seu próprio corpo, e como Domenici (2010, p.71) coloca: “A improvisação agora interessava como método para investigar novos padrões de movimentos, que eram manejados experimentalmente como novos repertórios.”.

E assim, a Educação Somática ressignifica o olhar sobre o movimento na Dança, trazendo uma mudança de paradigma. De acordo com Marcílio Vieira (2015), as técnicas somáticas não trabalham com uma pré-concepção estética e padronização de corpos e movimentos. Pelo contrário, elas prezam pelo respeito às diferenças e à singularidade, trazendo a ênfase para a experiência única e singular de cada um. “Essas

práticas repensam a repetição de hábitos estabelecidos, como em passos de dança, e dão subsídios para criar novos caminhos de resposta, pois o foco está no *como* se executa a ação e não na repetição de movimentos codificados.” (VIEIRA, 2015, p. 137).

3.2.Princípios Gerais em Comum às Práticas Somáticas.

A grande maioria das práticas somáticas se baseia na experiência singular para sua elaboração e desenvolvimento. É a partir da interação com o mundo que o corpo constrói novos conhecimentos e formas de ser na vida. “Thomas Hanna insiste no que constitui um traço comum a todos esses métodos: considerar o sujeito na “primeira pessoa”, conforme sua expressão.”. (GINOT, 2010, n.p.). Sabemos que cada método tem sua especificidade e caminho pedagógico, mas existem também alguns princípios que norteiam as práticas somáticas de forma geral. Esses princípios são abordados por diferentes autores, e este capítulo visa trazer o olhar de alguns deles sobre o que consideram ser os princípios gerais em comum às práticas somáticas.

Eloisa Domenici (2010) coloca os princípios gerais às práticas somáticas como “princípios organizadores” Para ela, esses princípios são conceitos básicos comuns aos métodos somáticos, que orientam as ações do educador. O primeiro a ser ressaltado é a “escuta do corpo”. Essa escuta traz um empoderamento da sua experiência de si, pois leva a aumentar a consciência de si e do todo a sua volta e a obter autoconsciência do corpo e das emoções. Para que essa escuta aconteça é preciso primeiramente se colocar num estado de presença e se perceber no aqui-agora. A autora enfatiza que escutar o corpo é direcionar a percepção consciente pra si e para seu corpo em movimento. É perceber através dos sinais que vem do próprio corpo, as necessidades desse organismo, e, portanto, expandir a consciência e a percepção de si se faz fundamental para essa escuta. Para a autora, os métodos somáticos propõem exercícios que estimulam o trabalho sensorial e direcionam para o reconhecimento de si, do seu corpo, pois auxiliam no desenvolvimento da propriocepção do indivíduo: “O trabalho de refinamento sensorial inclui exercícios para aprender a reconhecer as informações que vêm do próprio corpo, portanto, é um aprendizado que privilegia o sentido da propriocepção.” (DOMENICI, 2010, p.75).

Domenici propõe que o trabalho com a somática estimula o reconhecimento das articulações ósseas, dos estados tônicos dos grupamentos musculares, e também a percepção dos apoios das partes do corpo. Para ela, a investigação de movimento está

sempre presente nos trabalhos somáticos com exercícios que direcionam o aluno à improvisação, aonde a organização corporal vem de dentro pra fora, e não de fora pra dentro, copiando modelos e padrões de movimento. Caso o professor proponha uma frase de movimento, esta se desdobra em cada corpo entrando num lugar de pesquisa desse fraseado que leva a outros desdobramentos, ressignificando no seu corpo aquele fraseado.

Outro grande princípio norteador das práticas somáticas para Domenici está ligado a saúde e contribui tanto para prevenir lesões quanto para melhorar a capacidade sensório motora do indivíduo. “Reeducar o alinhamento postural não é tarefa fácil, uma vez que as rotinas de organização das musculaturas antigravitacionais começam a ser treinadas e definidas desde muito cedo.” (Ibid., p.78). Para essa reeducação postural, a educação somática propõe exercícios sensório-motores que ajudam a desconstruir padrões de movimento já condicionados e ampliar a capacidade motora do corpo.

O último princípio trazido por Domenici, e que tem grande destaque dentro das práticas somáticas, é a valorização da singularidade de cada um levando em conta que cada comportamento é único, e cada corpo reage e interage de forma variada aos estímulos que vai experimentando. A Educação Somática nos convida a ir de encontro com nossa experiência.

De acordo com José Antônio de Lima (2010), apesar das técnicas da educação somáticas não caminharem pelas mesmas veredas e não terem os mesmos preceitos, existem pontos em comum importantes a serem destacados. O primeiro deles se relaciona a ideia de “indivisibilidade do ser”: corpo/espírito, alma/matéria, corpo/mente, etc, trazendo como princípio fundador a integração do ser. O segundo ponto ressalta que as relações que o indivíduo mantém com o seu fazer no mundo podem criar situações que se fixam sobre o comportamento psicomotor impedindo seu desempenho adequado, e para tal, as técnicas propõe cada uma a seu jeito a “recuperação”. E por último, as técnicas trabalham no sentido de desenvolver no indivíduo a consciência de seus atos a fim de buscar níveis cada vez mais sensíveis, levando a “mudanças psicomotoras”.

Lima ao refletir sobre o campo da somática questiona se a Educação Somática seria no plano pedagógico uma técnica apenas ou um conjunto delas, enfatizando que é difícil se precisar sobre que técnicas são essas consideradas como Educação Somática, mas que sabe que são vários os benefícios que podem ser obtidos pelo uso delas:

Coordenação, percepção e consciência pelo movimento; mas também não descreve quais técnicas considera como educação somática. [...] Mesmo Fortin, nas obras consultadas, não se manifesta sobre que tipo de técnica consideraria como de educação somática. (LIMA, 2010, p.64).

Para Débora Bolsanello (2010), a Somática possui alguns princípios em comuns com outras abordagens educacionais, terapêuticas e holísticas, e em geral esses pontos em comum estão ligados à restauração do estado de equilíbrio do organismo e o desenvolvimento de si a partir da expansão da consciência. Sobre o que é preciso para um método ser considerado como Educação Somática, Bolsanello responde: “No Brasil, a identidade do campo ainda é porosa, porque ainda não existe uma associação onde representantes dos métodos possam propor as fronteiras da Educação Somática.” (BOLSANELLO, 2010, n.p.). Bolsanello ainda complementa como ponto em comum dos métodos somáticos, utilizar o movimento consciente do corpo para manter uma boa qualidade de vida e na recuperação da saúde, e propõe três estratégias pedagógicas em comum: “o aprendizado pela vivência”, “a sensibilização da pele”, e “a flexibilidade da percepção.”.

No aprendizado pela vivência, a própria experiência do aluno é que vai levá-lo a reestabelecer seu equilíbrio, que de acordo com a autora se dá no momento em que ele é “capaz de reconhecer que os sintomas físicos ou psíquicos que ele apresenta têm estreita relação com sua maneira habitual de organizar seus movimentos e com a percepção que ele tem do corpo.” (Id., 2005, p.101). Essa fase da tomada de consciência é para a autora um processo de reaprendizagem.

A sensibilização da pele é uma estratégia pedagógica que leva o aluno a redescobrir-se para além da sua aparência. A pesquisadora enfatiza que a pele é o maior órgão do corpo humano e que pode captar pela vibração ondas sonoras e luminosas, tendo um papel de regulação térmica e além de tudo, também respiramos pela pele. Além disso, a sensibilização da pele, por ser um meio de ativação do sistema proprioceptivo, leva o aluno a estar presente e a fazer-se disponível ao aprendizado.

Sabemos que o sistema proprioceptivo tem receptores na pele, nos músculos, ligamentos, tendões e articulações que são responsáveis de informar o cerebelo das diferenças de pressão sobre o corpo e de sua orientação no espaço, informações absolutamente necessárias à sobrevivência do organismo e à manutenção da saúde. (Ibid., p.103).

A flexibilidade da percepção vai dar ênfase à forma como o aluno se sente e se percebe, tomando consciência ao experimentar sensações corporais que não está

acostumado, como o de reorganizar sua postura ou a forma como pisa no chão, por exemplo. Bolsanello coloca que as sensações cinestésicas a princípio podem parecer estranhas e inadequadas e para mudar um hábito muitas vezes é importante vivenciar essas sensações, e traz como exemplo:

Se tenho o hábito de parar em pé mantendo uma forte contração dos músculos rotadores externos do quadril, a sensação que terei quando relaxar essa musculatura é que a articulação está em rotação interna e não em rotação neutra, pois em minha postura habitual, a percepção que tenho de rotação neutra é, na verdade, uma rotação externa. Assim, para mudar um hábito, é provável que tenhamos que vivenciar sensações que, muitas vezes, nos parecem estranhas. (VIEIRA, 1997 apud BOLSANELLO, 2005, p.104).

Por fim, Isabelle Ginot (2010, n.p.) desencadeou alguns valores ao estudo do corpo que ela coloca como sendo “os princípios gerais de produção de conhecimento das práticas somáticas”. Ela descreve como o primeiro valor do método somático a possibilidade de ser “profilático”, ou seja, contribuir para a prevenção de lesões, além de trazer resultados na reabilitação dessas lesões. Outro valor ressaltado é que as práticas somáticas trouxeram outro olhar à “pedagogia da dança”, havendo uma quebra de paradigma do modelo tradicional pedagógico ao levar para um lugar de valorização do sujeito. Um terceiro valor proposto é que os métodos somáticos contribuem para a construção de um “corpo singular”, e não um corpo virtuoso e glorioso, como o exaltado por algumas escolas de balé clássico, por exemplo.

4. No que desencadeiam as práticas somáticas.

Levando em consideração tudo que foi dito, é possível colocar que as práticas somáticas geram novas epistemologias nos levando a ampliar a noção de corpo. Pensar no que desencadeiam essas práticas, é pensar no despertar da consciência desse corpo a partir do movimento. Segundo a fenomenologia, a realidade tal como percebemos não é objetiva, mas passa pela subjetividade. Passamos a entender o corpo como um fenômeno da experiência humana. O corpo não é, ele está sendo. Um corpo sensível, pensado em seus aspectos cognitivos, motores, perceptivos, afetivos e expressivos. Para Domenici, um corpo inteligente que está justamente ligado à ideia de consciência corporal:

O termo *consciência corporal* passou a ser usado de maneira bastante disseminada desde os pioneiros da educação somática (como em *Awareness through movement*, Feldenkrais, 1972), termo esse que, por sua vez, está relacionado a outra ideia bastante consolidada no campo da educação somática: a do *corpo inteligente*. (DOMENICI, 2010, p.76).

A Educação Somática também desperta o seu campo perceptivo e a sua capacidade de observar a si mesmo e a tudo que está ao seu redor. Para Bolsanello (2010) a pessoa poder acessar sua interioridade faz com que o mundo “exterior” não seja sua única realidade, e é exatamente isso o que a prática dos movimentos propostos pelos métodos somáticos vai gerar, incentivando ao aluno a cultivar sua capacidade de observar a si próprio e a sua relação com o mundo. Ela enfatiza que a partir de laboratórios de educação somática o aluno refina sua capacidade psicomotora e que: “Mais a pessoa tem intimidade com seus próprios processos fisiológicos, mais ela encontra dentro de si estratégias criativas para negociar com as exigências do mundo externo”. (BOLSANELLO, 2010, n.p.). Ainda falando dos benefícios que podem ser proporcionados pelo contato com as práticas somáticas, Bolsanello traz alguns resultados que podem ser eficazes, dependendo do engajamento no processo educacional de cada um e suas necessidades.

Na diminuição de sintomas antálgicos; na melhora da coordenação motora; na prevenção de problemas músculos-esqueléticos resultantes de movimentos repetitivos; no desenvolvimento da capacidade de concentração; na recuperação do esgotamento físico e mental; na melhora da respiração; na melhora da flexibilidade muscular e amplitude articular; no relaxamento de tensões excessivas e ativação de músculos pouco utilizados; na transformação de hábitos posturais inadequados e no desenvolvimento da capacidade de expressão. (Id., 2005, p.100).

Markondes (2008) traz ênfase para a abordagem funcional do corpo humano e seu movimento, trazido pela Educação Somática por meio de exercícios que promovem a reeducação sensório motora, e que levam o sujeito à reconhecer e respeitar os limites e possibilidades das estruturas corporais. A autora ressalta que a participação ativa do indivíduo no movimento, como o principal agente e colaborador no processo de reorganização dos padrões que necessitam ser reeducados é fundamental para o processo de aprendizagem, e que o processo individual de exploração e experimento é muito valorizado.

Para Isabelle Ginot (2010) o discurso somático tem um valor pontual medido a partir do efeito que as práticas produzem sobre a pessoa, trazendo que a somática contribui para que o sujeito expanda seu campo perceptivo sobre o seu corpo em movimento, sobre si e sobre quem se é. Ela enfatiza que o discurso somático foca diretamente na questão da experiência de si, onde a pessoa se observa e se percebe enquanto ser e enquanto um sujeito relacional e a experiência se faz importante para que se dizer onde essas práticas vão desencadear. A partir daqui se torna fundamental refletir acerca da experiência, a partir de algumas considerações e reflexões conceituais que o termo propõe.

4.1. Considerações acerca da Experiência.

Uma vez que a experiência é algo individual, pode ser compartilhada apenas de maneira parcial, não é possível tornar igual o conhecimento que cada corpo tem diante do mesmo evento. Para se pensar conceitualmente a experiência, trago o professor e educador Jorge Larrosa, que nos leva a refletir sobre esta palavra de um modo particular e relativamente complexo, fazendo uma análise das suas possibilidades teóricas, críticas e práticas.

A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimental). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indo-européia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a idéia de travessia, e secundariamente a idéia de prova. Em grego há numerosos derivados dessa raiz que marcam a travessia, o percorrido, a passagem: *peirô*, atravessar; *pera*, mais além; *peraô*, passar através, *perainô*, ir até o fim; *peras*, limite. (LARROSA, 2002, p.25).

Larrosa (2011) traz alguns princípios da experiência em suas diferentes dimensões, que deságuam num lugar de experiência como categoria existencial, como forma de estar no mundo. Em sua relação com a existência e com sua singularidade, onde o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua disponibilidade, sua abertura. Larrosa vai dizer que experiência é “isso que me passa”. Quatro palavras que formulam um sentido para a palavra experiência, e que agregam princípios e trazem um contexto muito maior quando paramos para refleti-las separadamente, como o autor propõe.

Levando a atenção à palavra “isso”, Larrosa elenca três princípios: Exterioridade, alteridade e alienação. Exterioridade, pois “isso” representa um acontecimento externo. Alteridade, pois “isso” é algo que não sou eu, algo exterior a mim, que está fora de mim. Alienação, pois “isso” tem que ser alheio a mim. Quando se diz então que experiência é “isso que me passa”, estamos falando que para que haja experiência é necessário ter algo, alguém, um acontecimento, um “isso”.

Analisando a palavra “me”, Larrosa propõe que a experiência supõe como já dito, um lugar exterior a mim, mas que sou eu o lugar da experiência: “É em mim (ou em minhas palavras, ou em minhas ideias, ou em minhas representações, ou em meus sentimentos, ou em meus projetos, ou em minhas intenções, ou em meu saber, ou em meu poder, ou em minha vontade) onde se dá a experiência”. (Id., 2011, p. 6). O autor acrescenta aqui os princípios de reflexividade, subjetividade e transformação. Reflexividade, pois a experiência é um movimento de ida e volta. De ida, pois a experiência sai de mim e vai de encontro ao acontecimento. De volta, pois esse acontecimento me afeta de alguma forma. Subjetividade, pois a experiência está ligada ao sujeito. É sempre uma experiência de alguém e cada um tem a sua de um modo “único, singular, particular e próprio.” Transformação, pois estamos falando de um sujeito sensível, aberto aos devires que a experiência pode proporcionar, “aberto a sua própria transformação. Ou a transformação de suas palavras, de suas ideias, de seus sentimentos, de suas representações, etc.”. (Ibid., p. 7).

Ao refletir sobre a palavra “passa” o autor coloca que a experiência é uma passagem, um percurso, e ao passar em mim ou por mim, deixa um registro, uma marca e às vezes até uma ferida. Então o autor traz à reflexão que a experiência está relacionada a algo que não sou eu, mas que tem lugar em mim e que passa de mim ao outro e do outro a mim.

Ao falar acerca do saber da experiência Larrosa nos convida a pensar como a experiência pode formar ou transformar nossa subjetividade, e traz como exemplo a experiência da leitura, enfatizando que é a forma como a leitura pode ajudar a transformar minhas palavras, pensamentos e sentimentos, que a torna experiência. Essa relação do saber da experiência enquanto conhecimento pode ser considerada apenas se resultar na formação ou transformação do que somos. Para tal o autor propõe que a relação com o texto não deve ser de apropriação, mas de escuta. Essa mesma relação pode ser levada da leitura para o corpo, onde a experiência de si, e de escuta do corpo também leva para um lugar de transformação das nossas palavras, pensamentos e sentimentos.

Heidegger expressa de um modo muito bonito a experiência dessa relação que não é de apropriação, senão de escuta: "... fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos derruba e nos transforma. Quando falamos de "fazer" uma experiência isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer; "fazer" significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, na medida em que nos submetemos a isso. Fazer uma experiência quer dizer, portanto: deixar-nos abordar em nós mesmos por aquilo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Nós podemos, assim, ser transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo". (Ibid., p.13).

Um ponto importante colocado pelo autor sobre o saber da experiência enquanto conhecimento, é que esse saber, é particular, pessoal e muito relativo. Duas pessoas podem passar por um mesmo acontecimento e não terem a mesma experiência. É um saber finito, ligado a singularidade de cada um. Outro ponto que o autor coloca é que a experiência é por definição irrepetível. Um exemplo disso é a maternidade. Mães que tem dois ou mais filhos relatam que a experiência é diferente com cada um. E por último diz que a experiência tem sempre algo de imprevisível, indizível e imprescindível, pois não se pode ver, dizer ou escrever de antemão, e que "a experiência sempre supõe uma aposta pelo que não se sabe, pelo que não se pode, pelo que não se quer. A experiência é um talvez. Ou, o que é o mesmo, a experiência é livre, é o lugar da liberdade". (Ibid., p.19).

Por fim, Larrosa nos traz que na filosofia clássica, a experiência era vista como um modo de conhecimento inferior e até mesmo um obstáculo para o verdadeiro conhecimento e na ciência moderna, a ciência captura a experiência e a converte em experimento. Para Larrosa (2000, p. 22)., isso vai na direção oposta do que a experiência tem de experiência: a impossibilidade de objetivação e universalização. "A experiência é sempre de alguém, subjetiva, é sempre daqui e de agora, contextual, finita,

provisória, sensível, mortal, de carne e osso, como a vida mesma.”. Então, ele propõe “dignificar e reivindicar a experiência” e tudo aquilo que a ciência tradicionalmente menosprezou: “a subjetividade, a incerteza, a provisoriedade, o corpo, a fugacidade, a finitude, a vida...” (Ibid.). Partindo desse lugar, reivindicando a experiência enquanto campo do saber, trago as entrevistas que puderam me fazer descobrir mais sobre o campo da Educação somática a partir da experiência de escuta das trajetórias e vivências das professoras entrevistadas.

5. Saberes e Trajetórias – Entrevistas e Descobertas Sobre o Campo.

As entrevistas foram feitas para meu TCC como uma forma de pesquisar a educação somática a partir da vivência do outro, suas experiências e trajetórias somáticas. As professoras entrevistadas foram: Letícia Teixeira, Maria Inês Calfa, ambas professoras do Departamento de Arte Corporal da UFRJ e a professora Silvia Soter, que apesar de vinculada a Faculdade de Educação da UFRJ, é professora das disciplinas de Estágio em Dança para os alunos de Licenciatura em Dança da UFRJ. Escolhi entrevistar professoras que fizeram parte da minha trajetória na graduação e que me trouxeram atravessamentos e buscas que me fizeram amadurecer enquanto indivíduo e me levaram a um lugar de potência do corpo, abrindo meus campos perceptivos a partir de experiências somáticas.

Com a Letícia Teixeira tive experiências em diferentes disciplinas, mas duas delas foram imprescindíveis na minha trajetória de buscas somáticas do corpo que relato a seguir. A primeira delas foi na disciplina “Corpo e Movimento B”, onde fizemos um trabalho com os pés durante algumas aulas, e ali, a partir de uma orientação óssea (onde inclusive nós vimos a imagem dos ossos dos pés num mini esqueleto), eu redescobri uma nova forma de andar e como meus pés eram desalinhados e com vícios do ballet que fiz durante a infância, que trouxe para meus pés uma rotação externa constante na forma de andar e parar. A pesquisa com os pés, o estudo de suas estruturas ósseas, e a investigação de formas de se locomover no espaço foram transformando o alinhamento dos meus pés, minha base, meu alinhamento corporal e toda estrutura do meu andar, resignificando para a vida uma nova forma do meu corpo ser e estar no dia a dia. A segunda experiência que tive com Letícia ocorreu na disciplina de “Introdução à Prática da Dança-Educação B” a partir de alguns exercícios somáticos, e me fez perceber que uma dor que estava sentindo no braço vinha sendo desencadeada pela forma como dirigia o carro e o meu corpo estava compensando o movimento exaustivo que eu fazia com uma musculatura, em outra.

Com Maria Ignez Calfa tive diversas experiências somáticas na disciplina “Introdução aos Estudos da Corporeidade”, onde a cada aula éramos levados à novas descobertas, sempre usando dispositivos que se conectavam com as propostas das aulas. Ela trazia em suas aulas sempre a percepção para um estado de presença, estimulando à todos a pesquisar seus corpos habitando os espaços, e a nos conectar com nossa essência através de exercícios que buscavam o reconhecimento de si e do próprio corpo, levando

cada um a conhecer o seu corpo e a reconhecê-lo como sua casa, entendendo que a primeira casa que nós temos é o nosso corpo. Nosso corpo é o resultado do uso que fazemos dele, e se ficarmos atentos aos sinais que ele emite, poderemos ter como resultado um corpo mais harmonioso. O estímulo à propriocepção, ou seja, a percepção de si, do seu corpo no espaço, foi algo que pude vivenciar com ela dentro das aulas de corporeidade.

Com a Silvia Soter tive o prazer de viver uma experiência somática numa aula do método Ehrenfried durante um seminário chamado “A Jornada - O corpo vai à escola”, em 2018, promovido por ela como parte do seu projeto de extensão. Nossa aproximação aconteceu pela minha admiração ao seu trabalho e enquanto minha professora de Estágio durante um ano, com as disciplinas de Estágio 1 e 2 e a prática feita no CAP – Colégio Aplicação da UFRJ e, no meu caso, na Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch.

As entrevistas tiveram três perguntas disparadoras em comum, com perguntas diferenciadas em cada entrevista a partir do que estava sendo dito pelas professoras. No início de cada entrevista, expliquei um pouco sobre o meu processo de pesquisa para o TCC e de que forma fui entendendo e me encontrando dentro do tema “Educação Somática”. Como dito na Introdução, a princípio pretendia falar dos métodos somáticos, trazendo as semelhanças e diferenças pedagógicas de cada. A ideia era poder colocá-los em diálogo para entender sobre as especificidades de cada abordagem. Minha maior motivação para a pesquisa era poder entender sobre os métodos e aprender as diferenças entre eles. E como dito, à medida que eu ia pesquisando, fui percebendo que não seria possível falar de cada método sem ter vivenciado na prática esses métodos, e muito menos colocá-los em diálogo, o que me demandaria uma formação ou pelo menos uma vivência, com algum tempo de prática em cada um dos métodos. E assim, fui percebendo que somente a partir da experiência seria possível desenvolver uma escrita. Fui então mudando e ressignificando meus caminhos de pesquisa

A ideia ao fazer as entrevistas era pesquisar e aprender mais sobre o campo da Educação somática a partir do olhar de mulheres que eu admiro enquanto docentes, com quem eu aprendi e desenvolvi minha trajetória na dança e com as práticas somáticas. Escutar o saber que vem dessas professoras foi também uma experiência somática. Uma experiência que se dá no lugar da escuta, na abertura a um saber que é compartilhado na relação, na oralidade e na experiência. Trago a partir de suas experiências e suas falas, um pouco do campo da Educação Somática, sua relação com a dança e de que forma

esse campo aparece na formação do aluno dos cursos de Bacharelado em Dança, Licenciatura em Dança e Bacharelado em Teoria da Dança, na UFRJ. As perguntas em comum, norteadoras das três entrevistas foram:

1) Fale um pouco da sua experiência com as práticas somáticas, e os atravessamentos que elas geram em você enquanto esse lugar de professor/educador somático e enquanto indivíduo.

2) De que forma você percebe a relação das práticas somáticas com a Dança e como as práticas somáticas podem potencializar essa criação?

3) De que forma você vê esse campo da Educação Somática dentro do currículo acadêmico e no processo de formação dos alunos dos cursos de Dança da UFRJ?

5.1. Entrevista Letícia Teixeira⁵

Letícia ao falar da sua experiência fala sempre no lugar de propagadora da Metodologia Angel Vianna, visto que, como ela mesma conta, quando saiu do interior de Minas Gerais veio morar no RJ, na década de 70, estava buscando uma aula de expressão corporal e Angel Vianna tinha recém-aberto o Centro de Pesquisa de Arte e Educação, onde ela então se matriculou, ainda muito nova. Letícia chama atenção para o nome que Angel deu ao seu espaço, considerando um pioneirismo dentro do campo da Dança, já trazer neste tempo os termos “Arte” e “Educação” para falar desse lugar da Dança. Letícia diz que vivenciou o surgimento da Educação Somática com Angel Vianna, no Rio de Janeiro: “Foi a primeira escola a implantar uma aula especificamente para a experiência de si, do sensível”, para despertar esse lugar. Ela conta que Angel a orientava observar o próprio corpo, pois ele traria as respostas que ela buscava, e de fato um dia Letícia foi entender por ela mesma todos os processos compensatórios do seu corpo.

O conhecimento epistemológico do campo para Letícia tem sua importância, mas ela relata que quando o conhecimento se torna o campo, existe uma terminologia que está muito distante do ambiente onde seguiu sua trajetória, e acrescenta: “Conhecimento da somática é um campo florido, de flores selvagens, parafraseando Martha Eddy. [...] É um lugar de uma introdução de um pensamento de corpo fora do contexto do conhecimento pragmático ou mesmo epistemológico no campo acadêmico.”

⁵ Entrevista concedida por TEIXEIRA, Letícia. Em 09/2020. Entrevistadora: Patricia Andrade.

Para ela, ter a vivência e a experiência naquela prática somática é muito importante para poder falar a partir dela, e traz como exemplo o “Movimento Interno” que é trabalhado na metodologia Angel Vianna, dizendo que acredita que não adianta apenas colocar os termos teóricos do que é o movimento interno, sem tê-lo experimentado antes, enfatizando que se não passou pelo seu corpo, não adianta teorizar. O corpo precisa compreender primeiro.

Um campo que não nasceu da teoria. Um campo que nasceu e emergiu da experiência própria de cura, a maioria de cura. Então, abrimos para outras perspectivas. [...] o Eduardo Viveiros de Castro, o sociólogo e antropólogo [...] veio com essa questão... Não adianta falar dos indígenas se a gente não se distancia de toda a carga de conhecimento da academia.

Letícia conta que Angel também tinha essa questão muito forte de passar pela experiência antes de ter acesso ao livro e à descrição daquela prática. Ela acredita que primeiro era importante experimentar no corpo e conta que a vivência da prática é algo muito valorizado pela Angel.

Para Letícia, uma das coisas mais importantes para querer estar na Educação Somática é uma “permissão”. Ela coloca a permissão como uma disponibilidade do corpo para a escuta: “Não é uma escuta de quem tá vindo com uma orientação, é a uma escuta de si próprio. Isso é muito evidente na Educação Somática”. Letícia fala que quando ela olha um aluno e percebe um padrão comprometedor na estrutura e ele não leva em consideração a observação dela é porque não houve essa permissão, “não houve essa disponibilidade para essa escuta”.

Sobre a Relação das práticas somáticas com a dança, Letícia acredita que, para que a Educação Somática esteja dentro da aula de dança é preciso que o professor tenha uma linguagem que não seja tão “formatada na modalidade”, pois acredita ser “muito difícil um professor que tá dando a modalidade de Ballet Clássico, Jazz, Dança do Ventre, [...] entrar num trabalho de sensibilização, mais interiorizada...”, onde a pessoa estaria assim entrando em contato com seus bloqueios e tensões. Ela acredita que o tempo de sensibilização é outro, e o sentido é algo que aflora. E assim, de acordo com Letícia, para que haja esse “afloramento” é preciso um tempo de investigação sobre uma determinada orientação, aprofundando aos poucos essa orientação, e não mudando aleatoriamente essa orientação, sem levar em consideração esse tempo de investigação.

Depois que tem uma experiência de afloramento, você é capaz de num segundo aflorar... Porque você já tem essa habilidade sensorial. A habilidade

sensorial e proprioceptiva é desenvolvida. Ninguém tem a propriocepção afinada. [...] Você tem certeza que você tá sentada, [...] mas você tem certeza se você tá contraindo uma vértebra lombar? [...] Se você tá projetando sua cervical demais?

Sobre o lugar da experiência na sequência coreográfica, onde há uma reprodução de movimentos, tanto no sentido da reprodução do movimento do outro, quanto num sentido da repetição do movimento, que pode levar a um lugar mecânico, indo no sentido contrário do que a Educação Somática propõe, Letícia diz que “o trabalho somático de escuta de si e de percepção de si, que dá essa habilidade de afloramento proprioceptivo, é inteligência corporal”. Para ela, essa inteligência corporal é a capacidade de reproduzir de forma inteligente o movimento com “sensório motor poroso”, fazendo referência ao Gil, que no livro “Movimento Total” traz a diferença entre o bailarino “sensório motor rígido”, e o bailarino “sensório motor poroso”: “o poroso já é o bailarino que desenvolveu uma capacidade de comunicação do dentro com fora e do fora com dentro. Ele tem essa capacidade desenvolvida.”, conta Letícia.

E por último, sobre a forma como Letícia vê o campo da Educação Somática dentro do currículo acadêmico e no processo de formação dos alunos dos cursos de dança da UFRJ e sobre o que acha de abrir espaço para a educação somática dentro da formação curricular dos cursos de dança na UFRJ, Letícia diz ter medo por não estar na essência do currículo: “uma coisa é estar na essência do currículo, a outra coisa é: alguém com habilidade para dar isso duas vezes por semana”. Além disso, ela acredita ser importante a formação no método, trazendo como exemplo a Eutonia, e falando sobre a importância da formação para uma legitimação da transmissão desse saber.

Ao ser questionada sobre o que pensa de uma reforma curricular dentro do Departamento de Arte Corporal da UFRJ, Letícia diz acreditar que há uma quantidade de disciplinas que poderiam ser enxugadas e que poderia ter mais espaço para “tratar dessas novas abordagens que estão entrando de uma outra forma”, mas que o currículo por ser fundamentado no método da Helenita, tem uma construção e linha de pensamento. Letícia diz que apesar de conhecer muito pouco sobre Helenita Sá Earp, percebe em sua metodologia a preocupação com o corpo, a relação com o outro e com o ambiente e a capacidade de criação e acredita que o vídeo⁶ sobre a Helenita, deveria ser passado no primeiro dia de aula, pois é muito importante que o aluno entre em contato com sua história logo no início do curso.

⁶ O referido vídeo é o documentário “Dançar” sobre a vida e obra da Professora Emérita da UFRJ Helenita Sá Earp, produzido pelo professor André Meyer e dirigido por Luiz Guimarães de Castro.

5.2. Entrevista Maria Iñez Calfa⁷

O termo Prática Somática é um termo para Calfa moderno, que ela diz nunca ter utilizado e se questiona sobre o que seriam as práticas somáticas e o que elas abarcam. Calfa diz que sua prática somática vem sim da corporeidade, porém primeiramente vem da educação. Sua formação se deu em Educação Física, pois não existia formação em Dança, e foi através desse trabalho de Dança a partir da Educação Física que ela foi se aproximando de outra relação de corpo “não pela Educação Física, mas pela dança na educação física.”, relata.

Em paralelo a isso, ela que já fazia aula avulsa na Escola Angel Vianna, foi fazer a formação e achou que ali pelo viés da consciência do corpo teve maior contato com o estudo da prática somática, trazendo essa prática para sua docência. Calfa acredita que a prática somática não é uma técnica estabelecida e que o importante é estar atenta aos corpos. Ao contar sobre sua experiência com jovens de comunidade, ela diz que àqueles corpos a inquietavam, e ela foi “começar a entender enquanto produção de conhecimento, enquanto possibilidade”, que todo o linguajar que usamos para nos referirmos às práticas somáticas estava no dia-a-dia daqueles corpos: “muitas vezes um menino que era um menino problema na escola, chegava na aula de corpo ele era incrível, ele era maravilhoso, ele tinha uma outra postura e isso me aguçou muito a querer aprofundar.”.

Calfa conta que começou com o trabalho de consciência do corpo no ensino fundamental e depois foi trabalhar no Instituto de Educação desde a creche até a formação de professores, também com esse viés: “eu fui aprofundando minha prática somática muito nas relações dos corpos que iam passando por mim, e cada um ia me apontando caminhos para outros.” Ela conta que na época da creche tinham atividades psicomotoras e ela já estava na Angel nesta época e por conta disso, tinha uma abordagem voltada para um processo mais relacional, de contatos. E diz que apesar da sua base ser a Metodologia Angel Vianna, ninguém a ensinou como trabalhar com bebês ou com uma criança de comunidade, e acredita que isso vai da consciência de cada um, assim como estabelecer elos com os mais diferentes corpos.

Acho que esse é o grande estudo. Às vezes a pessoa já vem com uma metodologia muito fechada de uma prática somática, numa introspecção do corpo, [...] se você vai trabalhar com menino de ensino fundamental, onde

⁷ Entrevista concedida por CALFA, Maria Iñez de Souza. Em 09/2020. Entrevistadora: Patricia Andrade.

ocorre quando você tá dando uma aula, e um garoto tá cutucando outro na frente, outro do lado e outro atrás, essa prática somática não dá pra ter essa introspecção. [...] Então a abordagem pedagógica também tem que ser contextualizada à realidade do grupo.

A corporeidade sempre foi para Calfa sua prática somática, e não apenas um princípio filosófico. Ela diz que vai extrair essa visão filosófica que a corporeidade pode ter que é “entender esse corpo na sua essência”, a partir de uma prática somática. Diz que busca trazer a noção de corpo a partir de uma “estrutura mais completa”, usando metodologias que falam sobre estruturas ósseas, espaço, tempo, trazendo um lugar de concretude do corpo para que o outro perceba o seu próprio corpo e amplie um pouco mais sua visão sobre si. Tudo que ela buscava nas aulas de corporeidade pelos diferentes temas que ela trabalhava era trazer o processo relacional desse corpo, sendo apenas a provocadora de uma potência que emerge desse corpo. “O meu grande dever ali é estar achando através das aulas, as brechas para me aproximar desse corpo, e ele poder se aproximar dele mesmo num processo relacional mais intrínseco.”, conta.

Sua prática vem desse lugar de aprendizado com todos os corpos, tendo como base a Metodologia Angel Vianna, e tendo sido atravessada pela professora Celina Batalha⁸ que de acordo com ela, “tinha uma pedagogia do movimento em Dança incrível” e “uma ênfase muito grande sobre a questão da expressividade humana”. E acrescenta dizendo que fez a formação na Metodologia Angel Vianna, mas viveu muitos anos atuando na educação e que tem muito da educação impregnada nela. De acordo com ela, sua formação está ligada à arte, poética, e linguagem, e ela vai buscar para esse corpo um caminho que leve a se conectar com a sua capacidade interpretativa e expressiva. Então Calfa acredita que misturou a sua prática somática a partir dessas experiências com alunos e professores.

Para Calfa, a dança lhe apresentou o corpo e diz que quando escolheu a dança, estava escolhendo o próprio corpo, pois acredita que não se dança sem corpo, complementando que uma grande descoberta na Angel foi que “todos os corpos são possíveis e todos os corpos realmente dançam.”.

O corpo pra mim é o elemento principal, é o núcleo de tudo. Sem corpo não há dança. [...] A partir do momento que eu ganho consciência, que eu valorizo a experiência desse corpo, esse, para mim, é o lugar que eu posso potencializar na dança. E eu posso potencializar tendo uma maior consciência

⁸ Celina Batalha foi a criadora do LAE, Laboratório de Arte-Educação, um projeto vinculado ao Departamento de Arte Corporal da UFRJ, coordenado pela professora Calfa.

desse corpo como esse lugar da expressividade humana, pois é nesse lugar que eu posso extrair a minha potência de criação, é nesse fazer.

Sobre a forma como ela vê o campo da Educação Somática dentro do currículo acadêmico e no processo de formação dos alunos de Dança da UFRJ, Calfa diz que primeiramente essa abordagem da prática somática precisa ser discutida dentro do DAC - Departamento de Arte Corporal da UFRJ. Ela acrescenta que seus alunos relatam com frequência, nos fechamentos da disciplina de Corporeidade, que “é muito pouco o que eles têm em um período pra esse tipo de concepção de corpo”, e que ficam com a sensação de uma falta por não encontrar mais essas abordagens ao longo do Curso. Calfa acredita que eles não têm mais o contato com esse tipo de abordagem, porém traz pra discussão que as práticas somáticas podem estar dentro de uma aula de técnica. O que na sua concepção está em questão é a abordagem metodológica, citando exemplos onde teve aulas de Ballet Clássico na Escola Angel Vianna com todo o vocabulário do Ballet Clássico, mas que tinha um “toque de uma prática somática”, e de acordo com Calfa, com orientações pedindo ao aluno para se perceber no ambiente: “Perceba o seu maléolo agora, se ele está pra dentro ou se ele está pra fora. Perceba no seu pliê como está a rotação do seu fêmur...”. Ela acredita que os professores vêm de escolas diferentes e cada um é construído a partir de sua trajetória e que existe uma questão metodológica, de estilo da escola, de princípio.

Tem gente que pegou o método da Helenita [...] e misturou com outras coisas, [...] outros não... na verdade a gente nunca viu a Helenita falando do próprio método. Eu conheço uma pessoa que fala de Helenita e eu vejo uma prática somática quando ela fala. Mas eu vejo pessoas ali dizendo que trouxeram a escola de Helenita, dentro de um tecnicismo muito fechado, onde a prática somática pra mim não respira ali.

Trazendo ênfase à questão curricular, Calfa diz acreditar que precisa ter mais espaço para as práticas somáticas, mas com a chegada de novos professores isso vai acabar se irradiando. Traz exemplos como a professora Ruth Torralba, que de acordo com ela vem da área da saúde, da psicologia e que “traz a prática somática de uma forma”, e a professora Maria Alice Poppe, que traz a somática “pela questão artística, da composição”, além dela própria que vem da Escola Angel Vianna e teve sua busca pelo viés da Educação, a professora Letícia Teixeira, que também dá aula de corporeidade, e que Calfa considera “uma pessoa que nasceu quase da barriga de Angel Vianna e está fazendo prática somática pelo Método Angel Vianna.”. E assim, entre outros

professores que também tem na sua docência a prática somática, Calfa acredita que cada um vai disseminando da sua forma, e que a prática somática reuni áreas diversas.

Para Calfa, no DAC, os professores ainda trabalham muito separados e cada um cuida da sua disciplina. Ela diz que às vezes não conhece o trabalho do colega e o colega não conhece o trabalho dela, e muitas vezes ela vai conhecer o trabalho do colega pelo comentário do aluno. Ela acredita que poderiam haver mais reuniões pedagógicas e discussões sobre a relação do corpo com a dança, e também “setorizar algumas disciplinas, [...] para poder [...] não ter uma superposição de conteúdos, ter uma coisa mais encaixada, [...] mais adequada para cada curso.”.

Calfa diz que a prática somática não é disciplinar, e que não é uma disciplina assim como a corporeidade é, e sim um princípio de pensamento. Considera muito pouco uma disciplina de prática somática, pois para ela são práticas somáticas no plural e acredita que existe um núcleo que poderia reunir várias disciplinas sob esse viés, citando como exemplo a criação de uma disciplina de corporeidade 2:

Então qual seria a Corporeidade 2? Seria corpo, movimento e educação por exemplo. [...] Mas isso a gente teria que tá pensando isso dentro do currículo. Da onde sai esse núcleo que reúne práticas somáticas? Qual é a importância dele numa licenciatura? Qual é o núcleo dele no bacharelado? Qual é o núcleo dele na teoria? E a partir desses núcleos, que eu falo de setorizações, a gente está pensando isso em conjunto.

Trazendo um pouco a ênfase à questão da formação, ela acredita que os alunos têm acesso a esse conteúdo na graduação de maneira indireta: “Talvez indiretamente sem dar nome aos bois... você acaba desenvolvendo práticas que tem a sua condução dentro daquele método, mas você não vai dizer isso aqui é Feldenkrais, isso aqui é Eutonia.”. Cita como exemplo que ela falou sobre Eutonia na disciplina de Corporeidade quando foi sua aluna. Disse não se lembrar, pois estava no primeiro período e a gente ainda não está associando muitos nomes, e não conhecia sobre o assunto quando entrei na graduação. Cita como exemplo sua aula de “Corpo Barro” que é inspirada em uma aula de Eutonia e fala para a turma que é uma adaptação da sua leitura sobre o método, contextualizando um pouco sobre a prática e suas origens com a Gerda Alexander e tudo mais.

E finaliza dizendo que acredita que isso tudo precisa ser discutido, que é fundamental pensarmos juntos o que seriam essas práticas somáticas, e como se faz possível construir caminhos que se entrelaçam.

É necessário e urgente que a gente pense nisso. [...] Quem vai fazer essa grande rede, essa grande teia, somos nós mesmos. [...] Enquanto corpo docente, acho que a gente carece de uma discussão... não só por essa questão da prática pedagógica, mas pela questão das técnicas também... por uma questão de concepção com o que a gente quer em cada curso. Para que isso seja mais coeso, mais amarrado e tenha uma tecitura melhor. [...] Essa rede é como cada um vai tecer, e ela poderia começar a ser tecida dentro do departamento, pra que não houvesse uma posição de oposição de técnicas. Não existe uma técnica melhor que a outra, nem uma abordagem melhor que a outra. O que existe é um bom procedimento metodológico dentro da sala de aula, e a gente sentar junto pra discutir qual é o ponto de partida de cada um, e como eles se encontram, se entrelaçam... Aí quem ganha é o aluno.

5.3. Entrevista Silvia Soter⁹

Silvia entrou em contato com métodos somáticos antes do campo da educação somática ser entendido como um campo de estudo. Ela conta que o seu encontro com essas práticas começa nos anos 1980, após ela ter uma lesão muito séria que a obrigou a encontrar outra forma de se mover. Na época ela era bailarina profissional e teve uma lesão muito grave que a levou se aproximar de uma pessoa que trabalhava com uma linha de consciência corporal ligada a dança, e enquanto sua aluna, Silvia começou a descobrir outros modos de se mover e foi se aprofundando nessas práticas: “A gente no Brasil ainda não entendia que esses métodos faziam parte de um campo maior” relata, e completa que apenas a partir dos anos 1990 esse campo passa a ser chamado de campo da Educação Somática com a definição de Thomas Hannah.

Em 1990, Silvia foi morar na França e teve contato com práticas mais específicas, onde teve aulas do método Feldenkrais, e conheceu a Ginástica Holística, o método no qual ela se formou mais tarde. Silvia se aproximou de uma prática que estava nascendo naquela época: “Análise Funcional do Corpo para o Movimento Dançado, que tem uma leitura bastante particular dos métodos somáticos mais aplicados a uma questão ligada ao ensino da Dança”, conta. Silvia diz que uma das características desse trabalho é que “só se conhece a partir da experiência”, e acrescenta “a gente pode ler livros e livros sobre as práticas, mas é só a capacidade da gente de ser transformado e atravessado pelas práticas, que vai fazer a gente conhecer e ter alguma propriedade em relação a esses saberes.”.

Em 1991 Silvia volta para o Brasil, e cursa dois anos de Fisioterapia para ter conhecimentos sobre Anatomia e Cinesiologia, e em 1993 retorna à França onde viveu

⁹ Entrevista concedida por SOTER, Silvia. Em 09/2020. Entrevistadora: Patricia Andrade.

até 1997. Nesse período fez Licenciatura em Dança na Universidade Paris VIII, na época dirigida por Hubert Godard, “um especialista dos métodos somáticos”, de acordo com ela, que foi seu professor durante quatro anos. Em paralelo, Silvia fez formação em Ginástica Holística, com certificação internacional, e atua com esse método há 25 anos, e relata: “esse método foi muito transformador, pra mim, do ponto de vista pessoal, [...] e também muito transformador da minha prática.”. Há 10 anos começou a dar curso de formação e trabalha com a prática e com a discussão do método com pessoas que atuam com dança, terapia ocupacional e outras áreas. Para Silvia, os princípios do método que ela atua, são princípios que ela leva em consideração quando ensina tanto em disciplinas práticas quanto teóricas, e sobre os atravessamentos que as práticas somáticas têm nela, ela diz que já virou um pouco eixo da sua vida profissional desde 1984.

Silvia em 1998 começou a trabalhar com a formação do professor de Dança e foi percebendo uma demanda de material sobre educação somática e essa relação com a dança, então em 2010 lançou o DVD “Corpo Aceso - Experiência de Educação Somática para Bailarinos e Não Bailarinos”, um material paradidático, com aulas e discussões. Silvia conta que quando começou a trabalhar nesse campo, era muito desconhecido e pouca gente falava dele enquanto campo, ganhando projeção ao longo dos últimos anos: “Hoje em dia no Brasil, a gente tem programas de certificação internacional em vários desses métodos”, citando como exemplo o BMC, Alexander, Feldenkrais, Ginástica Holística, além de dissidências: “... o BMM, que já é uma dissidência... a minha prática, hoje em dia já é dissidente também... eu to ligada a uma associação francesa que já não é a detentora da marca.”, enfatiza.

Tem uma autora chamada Michele Mangione, que vai identificar o campo a partir de três momentos. [...] Tem também um texto da Silvia Fortin, que a Márcia Strazzacappa traduziu [...] o momento da criação, o momento da consolidação, o momento da relação com outros saberes, e eu percebo que a gente tá num quarto momento, que é o momento das dissidências de outras escolas e de outros formadores que começam a abrir mais o campo da formação pra além da marca registrada que muitos desses métodos têm.

Durante muitos anos, na Univercidade da Cidade, de 1998 até 2009, ela era professora de uma disciplina chamada “Consciência Corporal” e nessa disciplina atuava com Educação Somática. Porém, na UFRJ, Silvia trabalha com didática especial da Dança e a Educação Somática é um dos conteúdos. Apesar de Silvia considerar que o conteúdo do campo somático não está tanto em sala de aula, ele é uma prática importante que atravessa o seu projeto de extensão junto com o professor André Bochetti: “A Jornada – O corpo vai à escola”.

Quando pergunto sobre a relação entre Dança e Educação Somática, e como as práticas somáticas potencializam o processo criativo, Silvia diz que Sylvie Fortin tem um artigo em que fala sobre o assunto, trazendo em primeiro lugar o aspecto da prevenção, pois muitas vezes o gesto na dança “é um gesto na urgência”, ressaltando que se faz importante pensar que Dança nós estamos falando.

A dança [...] dos anos 90 ainda era uma dança talvez com marcas de treinamento técnico mais exigente. Acho que a gente hoje também já tá muito atravessado... a dança contemporânea e muitos dos trabalhos de criação já bebem muito da fonte da Educação Somática... Talvez lá atrás já tivesse isso... um certo contraponto à um gesto, que é um gesto menos urgente, um gesto mais habitado, mais percebido... E aí há uma possibilidade de ampliar suas respostas motoras, numa variação dessas respostas... na hora que você descobre outros modos de acessar um gesto, de se escutar, de habitar esse gesto... você também amplia o leque de possibilidades e de respostas [...] Acho que tem às vezes uma prevenção de lesões mesmo. [...] Tem uma parte no DVD com várias entrevistas, e nessas entrevistas os bailarinos vão falar disso... Dessa ideia do se cuidar, de poder não ter dor, poder dançar sem dor, de poder encontrar outros modos de operar... então os bailarinos profissionais, os músicos profissionais, muitas vezes têm muitas lesões... então tem uma dimensão talvez terapêutica dessas práticas pra dança e acho que são outros modos de escuta de si.

Silvia relata que nos anos 90 houve uma discussão que acompanhou de perto, na França onde ela estava, que durante muitos anos “ se pensava que o ballet era a base para tudo e quem fizesse ballet dançaria qualquer dança.” Ela diz que aos poucos foram vendo que, apesar do ballet ser bastante completo, isso não era uma verdade. Logo depois começou uma discussão se os métodos da educação somática seriam essa base para tudo e se poderia ser algo que permitisse todo mundo dançar. Silvia conta que a discussão foi avançando e viram que isso também não era verdade. “Muitas dessas práticas são realizadas numa situação em termos temporais... deitado... num tipo de relação com a respiração... que não é o mesmo modo da Dança.”

Silvia diz que não acha que os métodos da Educação Somática “nos preparam para dançar e que eles são a panaceia universal”, mas acredita que eles podem “vir a dialogar e ampliar modos de criar.”, e que muitas companhias de dança, principalmente nos Estados Unidos e na Europa, trabalham com algumas práticas somáticas importantes para criação. Ela cita como exemplo a companhia da Trisha Brown, que trabalhou muitos anos com a Técnica de Alexander, e tem uma obra chamada *Set and Reset*, que de acordo com ela traz uma ideia de reversibilidade, aonde “o movimento vai e volta”.

Hubert Godard atribuía essa qualidade da criação à prática dela com Alexander. Então o cruzamento entre a criação pode se dar em muitos níveis, e ele pode se dar sobretudo no corpo de quem dança, de quem pratica. Que qualidade de movimento é essa que é descoberta na experiência das práticas somáticas que podem servir para achar um estado de atenção e de escuta na criação também diferente?

Silvia considera o termo Educação Somática um termo guarda-chuva e com muitas abordagens distintas, que podem até ter aspectos em comum, mas tem marcas muito distintas, e traz como exemplos Feldenkrais e Ginástica Holística, que tem pontos em comum, mas não são a mesma coisa, assim como a Ginástica Holística e Alexander tem diálogos, mas também não são a mesma coisa...

Educação somática não é *uma* coisa. É um conjunto de métodos [...] e a mesma coisa vale para dança... de que dança a gente tá falando... Porque também não existe *uma* dança... É diferente se você for dançar Ballet no teatro municipal, ou se você for um bailarino *virtuose*¹⁰ do grupo corpo, se você trabalha com o contato improvisação num outro grupo, se você dança samba...

Indago porque determinados métodos são considerados somáticos e outros que poderiam ser considerados como tal não são, e Silvia diz que essas definições não são um campo fechado e que podem fazer parte do campo, métodos que se reivindicam como Educação Somática. Para esclarecer sobre minhas indagações, Silvia durante a entrevista traduz a definição do Dicionário Larousse de Dança do verbete Educação Somática, que eu trouxe na íntegra por considerar ser uma grande contribuição para a formação de conhecimento sobre o campo.

TRADUÇÃO DO VERBETE EDUCAÇÃO SOMÁTICA
(Dicionário Larousse de Dança).
Por Silvia SOTER.

Campo disciplinar emergente, que junta um conjunto de métodos que tem por objeto a aprendizagem da consciência do corpo em movimento no espaço. São geralmente reconhecidos como métodos de Educação Somática o método Feldenkrais, a Técnica de Alexander, a Eutonia, a Ginástica Holística, o Body-Mind Centering, os Fundamentais de Bartenieff e etc. Fazem também parte dessa família a Análise Funcional do Corpo no Movimento Dançado e a Idoekinesis, assim como numerosas outras abordagens, se reivindicam como um trabalho de corpo consciente. Poderíamos também considerar que algumas formas de artes marciais, de ioga, de ginástica suave, de técnicas de relaxamento ou de treinamento esportivo, incorporam essa concepção do corpo consciente na sua pedagogia e que podem ser candidatos a uma filiação da educação somática. O campo é aberto, em desenvolvimento e em construção. Contrariamente ao uso corrente

¹⁰ A vogal “e” é utilizada como uma forma de não fazer referência de gênero.

no qualificativo somático, o prefixo soma não identifica o corpo físico ou um corpo objeto separado da psique e da atividade mental. Na educação somática o corpo e o movimento no espaço são plásticos, no sentido que eles podem variar segundo a aprendizagem. A pessoa é holística no sentido em que as sensações, emoções e pensamentos fazem parte de um todo indissociável e integrado. O corpo é considerado como soma, quer dizer, como um corpo consciente, não como um corpo objeto a ser manipulado de fora. O soma é um sistema. Todas as partes tem relação umas com as outras. O todo é maior do que a soma das partes. Os métodos se distinguem ao mesmo tempo por suas concepções de corpo e por suas pedagogias. Os inventores de cada método deixaram rastros do seu próprio caminho e alguns vieram da área médica, outros da área artística, esportiva ou universitária, mas todos tiveram que compor a partir de situações pessoais que se tornaram a fonte da invenção. [...] Os modelos da postura e do movimento ótimo se juntam, mas na prática certas pedagogias são mais diretivas, enquanto há outras mais exploratórias. O trabalho é comunicado ou pela palavra ou por contato manual ou por uma combinação dos dois. Algumas vezes objetos são utilizados. Em dança, por esse trabalho fino de tomada consciência e de aprendizagem do movimento sentido, os métodos de Educação Somática contribuem para a formação do intérprete.

Silvia complementa que acredita ser muito mais um “como” e não um “que”, e diz que os métodos são muito diferentes e não existe um juiz que vai definir e dizer como é. “Tem pessoas que vão trabalhar com Pilates, por exemplo, com uma perspectiva mais de treinamento, de condicionamento físico. Outras pessoas vão trabalhar com Pilates como uma abordagem somática... não está fechado isso.”. Silvia enfatiza que para conhecer cada método é preciso se aproximar e se aprofundar na experiência dos métodos, que não adianta fazer uma aula avulsa e nem ficar apenas nos livros. Reconhece que a literatura do campo é importante, pois cada método tem a sua história, seu desenvolvimento e seus elementos, mas diz que é preciso ficar um tempo experimentando o método e não dá pra ser do campo do intelectual apenas.

Quando pergunto sobre a forma como ela vê o campo da Educação Somática dentro do currículo acadêmico e no processo de formação dos alunos dos cursos de Dança da UFRJ, Silvia responde que por não ser professora vinculada ao DAC, e sim à Faculdade de Educação, não conhece o currículo a fundo para poder avaliar, mas acredita que por existir professores no departamento com formação em métodos somáticos, eles acabam sendo disseminados de alguma forma, seja através de disciplinas ou de projetos de extensão, e diz conhecer alguns projetos que trabalham a partir de práticas somáticas, incluindo o projeto dela com o professor André. Ela diz não acompanhar tanto a formação do aluno, pois suas aulas são direcionadas aos alunos da Licenciatura que estão caminhando para o final da graduação, mas percebe que existe uma marca forte do trabalho da Helenita Sá Earp. Silvia considera essa leitura, uma perspectiva bem moderna da Dança, que traz vários elementos e acredita que a

Educação Somática se faz presente “através desses professores que tem uma prática mais desenvolvida”, pois o trabalho corporal geralmente é desenvolvido a partir da perspectiva do professor e das ferramentas que ele possui.

Sobre a questão curricular mais especificamente, Silvia diz:

O currículo é um campo de disputa e de poder. Não cabe tudo numa formação, são escolhas que se faz. [...] Não é um curso de Educação Somática e nem é pra ser... é um curso de Licenciatura em Dança... Educação somática é um elemento interessante, mas primeiro você precisa, pra poder fazer, e desenvolver, e dar aula, ter uma experiência sólida em você... porque não é um saber que eu possa ativar no outro, mobilizar, se eu não tiver vivenciado.

Além disso, ela faz uma ressalva que há uma diferença entre “o que é ementa, e o que é atualizado e acontece de fato.”. E disse perceber que na UFRJ existe uma linha, um pensador que é a Helenita que norteia o trabalho.

É uma situação diferente numa universidade. Em geral, uma universidade traz alguma coisa de universo maior. Eu trabalhava num curso que tinham outros aportes. Tinham muitos aportes e abordagens de corpo. Não tinha um pensamento único ou um norte que tinha que cumprir nesse sentido, [...] mas eu não sei dizer se isso é uma falta que existe. Não me sinto autorizada a avaliar.

Silvia complementa que muitas vezes não precisa usar o nome *Educação Somática*, pois um trabalho de consciência corporal pode ser pensado dentro da perspectiva de um desses métodos. Ela enfatiza que são abordagens muito europeias e não sabe dizer se precisaria ter mais, trazendo à reflexão a importância em saber se faltam disciplinas “com mergulho na consciência do corpo”. E acrescenta que é preciso se pensar na finalidade de fazer a disciplina de Educação Somática e em como isso seria feito, dando a entender que para trabalhar disciplinas específicas sobre métodos somáticos é preciso que se tenha a formação daquele método. E finaliza dizendo ser importante buscar o conhecimento de diversas formas: “é difícil um curso dar conta de tudo... nunca dará.”.

6. Pesquisa com o Corpo Docente e Discente do DAC/UFRJ.

A partir do meu interesse e pesquisa pelo campo da Educação Somática, fui percebendo que durante a graduação não tive tanto contato como eu gostaria com disciplinas que falassem de forma direta sobre o que é Educação Somática, quais práticas corporais são consideradas do campo, a relação da prática somática com a Dança e por aí vai. Percebia que de forma indireta a gente tem acesso aos conteúdos do campo, seja em sala de aula, através de professores que se utilizam de abordagens somáticas em suas metodologias de ensino. Devido à essa sensação de pouco contato com o campo de forma mais direta, resolvi fazer essa pesquisa com alunos e professores do DAC, a fim de levantar informações acerca da hipótese que o campo da Educação Somática é ainda muito pequeno nos três cursos de Dança da UFRJ, e que os alunos da graduação em dança da UFRJ têm pouco contato de forma direta com a Educação Somática e as diferentes práticas e metodologias que a compõe durante sua formação acadêmica. Seja através de uma reforma curricular ou não, entendo se fazer necessário dar uma atenção maior ao campo e direcionar seu conteúdo durante a formação do aluno.

A pesquisa foi realizada com o corpo docente e discente dos três cursos de Dança do Departamento de Arte Corporal da UFRJ, a saber: Bacharelado em Dança, Licenciatura em Dança, Bacharelado em Teoria da Dança, para avaliar como eles veem o contato com Educação Somática na graduação. O método de pesquisa utilizado para coleta de dados foi um questionário online, enviado aos alunos e professores através das redes sociais ou e-mail, e o modelo de pesquisa escolhido é o modelo qualitativo e quantitativo. Qualitativo porque pretende compreender um fenômeno a partir de um grupo social, levando em consideração o conhecimento empírico, com questões que permitem cada participante falar a partir da sua experiência. Quantitativo pois traz dados numéricos, que possibilitam uma forma de mensurar essa experiência com a Educação Somática durante a graduação, com perguntas cujas respostas foram “sim”, “não”, “não sei responder” a fim de organizá-los em gráficos que possam validar ou não a hipótese apresentada. A tabulação dos dados obtidos se deu através de gráficos, onde pode se ter uma melhor visualização da análise quantitativa.

6.1. Pesquisa com Alunos¹¹

Falando primeiramente sobre a pesquisa com os alunos, foi considerada uma amostragem de 51 alunos, a partir do 3º período dos três cursos de Dança. A fim de se controlar as variáveis para que se tenha uma testagem da hipótese dentro da amostragem citada, foram consideradas apenas as respostas de alunos a partir do 3º período. Como colocado antes, o questionário¹² contou com perguntas qualitativas e quantitativas que serão mostradas a seguir a partir de gráficos e de forma descritiva sobre a forma como recebo e percebo esses escritos. Procurei também trazer alguns esquemas com falas por acreditar ser importante compartilhar o olhar do aluno, e sua fala, a partir de algo que tenha sido identificado como um senso comum nas respostas, que foi feito e direcionado através do meu olhar.

A pesquisa foi realizada com os alunos dos três cursos de forma aberta, não delimitando uma mesma quantidade para cada curso. Segue abaixo um gráfico que mostra que a maioria dos alunos que respondeu a pesquisa foram do curso de Licenciatura em Dança, em um total de 28 alunos, seguido de Bacharelado em Teoria da Dança com 13 alunos e Bacharelado em Dança com 5, o mesmo número de alunos que não informaram o curso.

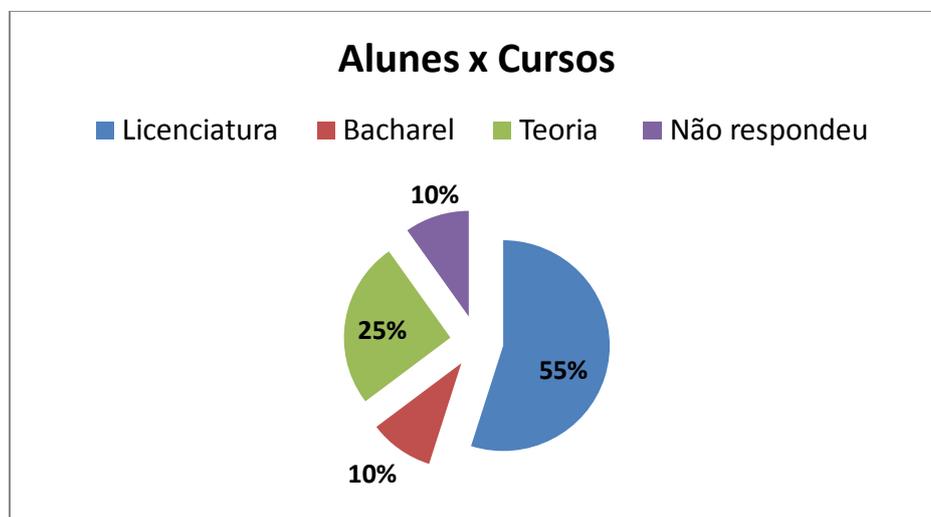


Figura 1: Gráfico – Alunes x Cursos.

Outro gráfico importante de se observar é o gráfico dos alunos por período, que mostra que a maioria dos alunos que respondeu o questionário está a partir do 9º

¹¹ A vogal “e” foi utilizada no título do questionário direcionado aos alunos a fim de se utilizar uma linguagem neutra e uma comunicação inclusiva sem particularidade de gênero, abraçando mulheres e pessoas de gênero não-binário, ou seja, que não se identificam como homens, nem como mulheres.

¹² O questionário respondido pelos alunos está como ANEXO A.

período e teoricamente estão caminhando para o final da graduação, apesar de ser importante considerar que alguns alunos responderam estar no 13º, conforme mostra o gráfico abaixo.

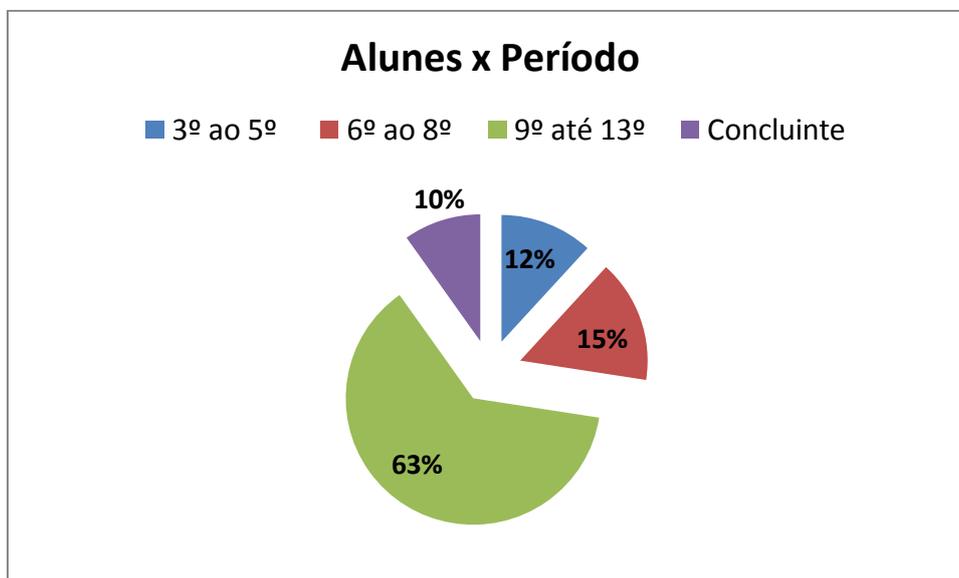


Figura 2: Gráfico – Alunes x Período.

Ao observarmos o gráfico acima, podemos ver que 32 alunos responderam estar entre 9º e 13º período, seguido de 8 alunos entre 6º e 8º período e 6 alunos do 3º ao 5º período. Ainda tiveram respostas de 5 alunos que concluíram a graduação recentemente.

6.1.1. *Perspectivas acerca da Educação Somática.*

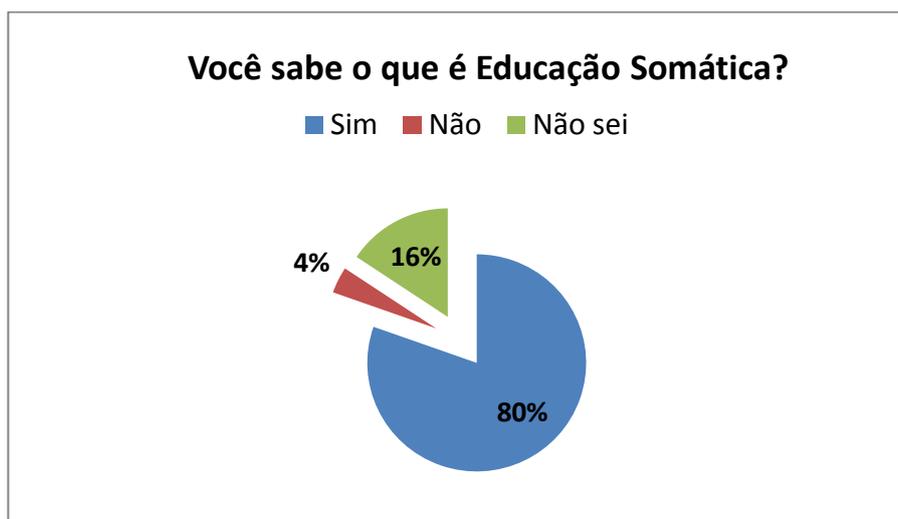


Figura 3: Gráfico – Você sabe o que é Educação Somática?

O gráfico mostra que a grande maioria dos alunos sabe o que é Educação Somática. Apenas 10 alunos disseram não saber ou não saber responder. Dos alunos

que responderam sim, apenas uma aluna deixou em branco quando foi pedido para se dizer o que é educação somática em suas palavras. Poucos alunos que responderam sim, na hora de descrever com suas palavras o que é educação somática, trouxeram construções vagas do termo, como no exemplo em que o aluno diz: “Bom, eu não tenho estudo aprofundado, só por alto o que a gente vê na faculdade. Então pra mim, é o estudo do movimento mais focado pelas sensações, sensopercepções...”. Me deu a impressão que esses alunos entenderam a pergunta como “você já ouviu falar de educação somática?”, pois na hora de explicarem com suas palavras, manifestam o desejo de saber mais sobre o campo.

A grande maioria dos alunos, mais precisamente 41, mostrou conhecer e ter tido contato com o campo durante a graduação. Alguns alunos responderam com bastante propriedade, mostrando que a somática passou pela experiência do corpo, só de explicar o que é. Esses alunos passaram por experiências com professores que atuam com a somática em suas práticas docentes e assim trouxeram respostas muito esclarecedoras e completas. Trago aqui algumas dessas falas em forma de esquema, pois como dito, acredito ser importante trazer o olhar do aluno.



Figura 4: Esquema – Algumas Falas sobre Educação Somática.

A maioria dos alunos que respondeu saber o que é Educação Somática identifica e reconhece a associação entre somática e o corpo, como veremos no próximo esquema. Essa associação se dá tanto de um lugar de estudo do corpo a partir do movimento, tendo como viés a conscientização desse corpo em movimento, como também de um lugar de promoção de saúde e reestruturação do equilíbrio desse corpo, tendo como perspectiva a interiorização das práticas corporais.

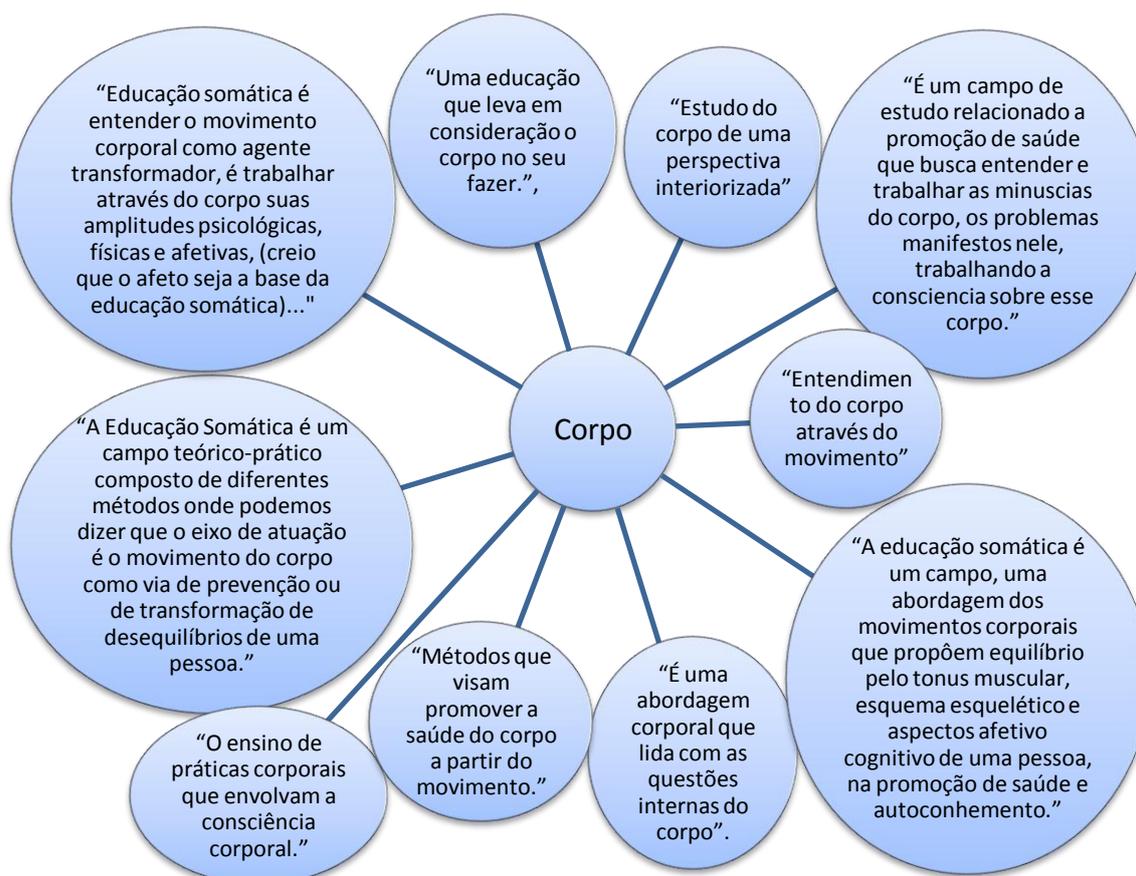


Figura 5: Esquema – Educação Somática a partir do Corpo.

Alguns alunos associam a Educação Somática com o termo propriocepção e apareceram respostas como: “Campo de conhecimento que se pauta na propriocepção para desenvolvimento das relações.”; “São práticas corporais que através da propriocepção buscam um equilíbrio do corpo e uma saúde global.”, e até mesmo apenas “propriocepção”. Porém, o maior número de respostas foi de encontro à identificação do papel holístico da Educação Somática, dentro de uma visão integrativa, que busca a totalidade do ser a partir do tripé “mente, corpo e espírito”. Uma prática que permite o sujeito vivenciar a sua totalidade levando em consideração aspectos físicos,

emocionais e fisiológicos de cada um. A seguir, um esquema com algumas respostas nessa direção.



Figura 6: Esquema – Visão Holística e Integrativa.

6.1.2. Sobre os Métodos Somáticos.

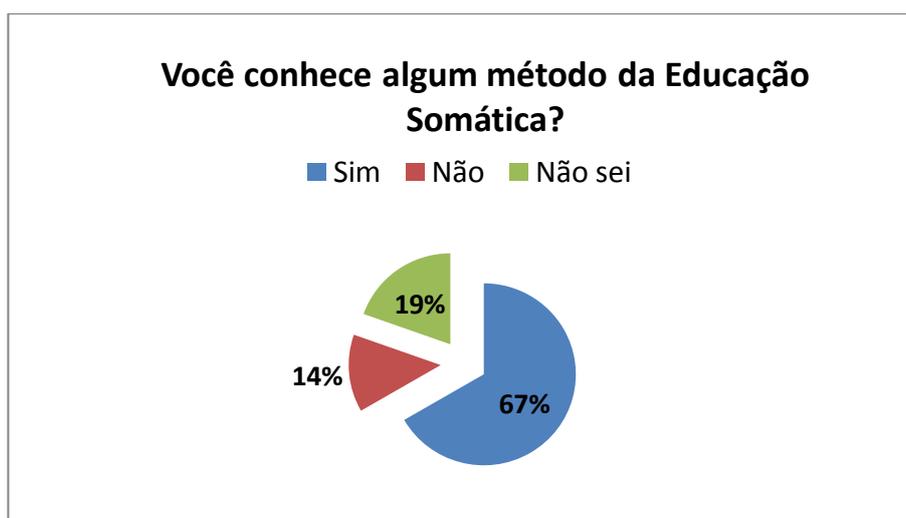
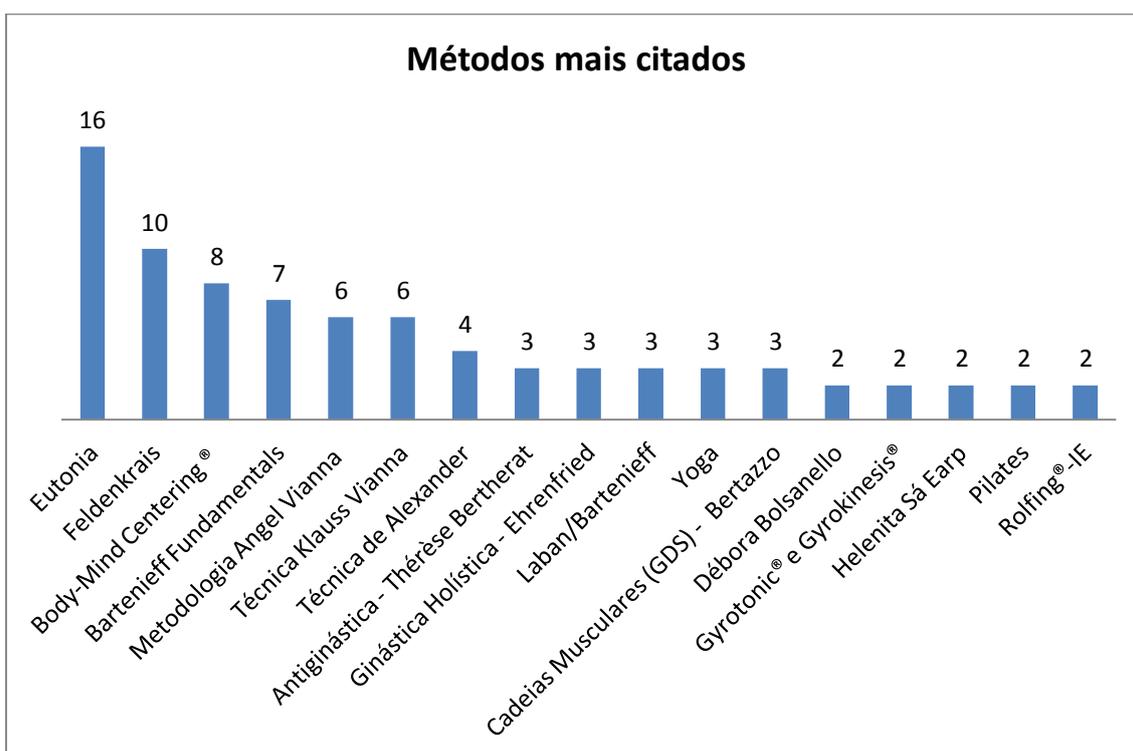


Figura 7: Gráfico – Conhecendo Métodos da Educação Somática.

Um número considerável de alunos, mais precisamente 17, diz não saber ou não saber responder sobre os métodos da Educação Somática. Foram 34 alunos que responderam conhecer métodos somáticos, porém alguns não souberam trazer com propriedade métodos que fazem parte do campo, aparecendo respostas como “massagem” e “auto-massagem”, levando a crer que aquela roda de massagem relaxante no final da aula é vista por alguns alunos como um método Somático (ou que de alguma forma não entenderam a pergunta). Além disso, estímulos corporais feitos com objetos e sensibilização também aparecem como métodos somáticos, além de respostas como “não sei responder com propriedade” trazendo dados estatísticos para esse lugar do “sim”, sendo mais um saber que existem esses métodos, do que saber de fato quais são.

Dos 34 alunos que responderam sim, 24 trouxeram de fato métodos somáticos como respostas. Não coincidentemente o método que mais apareceu foi a Eutonia. Digo não ser coincidência pois a professora Letícia Teixeira traz a partir da sua experiência e docência, ensinamentos do método, inclusive dando uma disciplina eletiva específica de Eutonia, em alguns semestres. Segue abaixo uma escala com os métodos mais citados entre os alunos. Estão presentes na figura métodos que foram citados mais de uma vez. Os métodos citados apenas uma vez e que não foram inseridos são: Body Mind Movement (BMM), Conscientização pelo Movimento, Life Art Process e Pensamento Holístico da Dança.



6.1.3. Educação Somática e os Cursos de Dança da UFRJ.

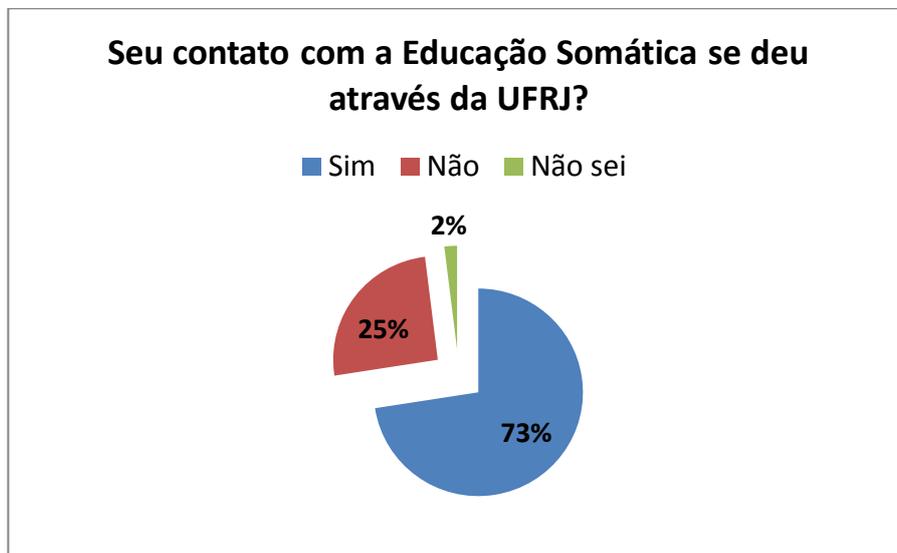


Figura 9: Gráfico – Contato com Educação Somática através da UFRJ.

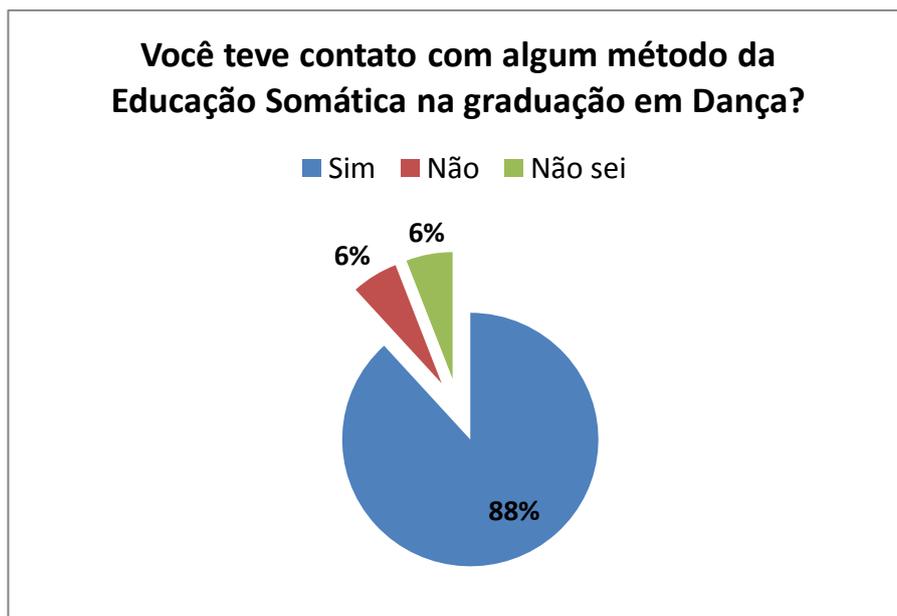


Figura 10: Gráfico – Contato com Métodos da Educação Somática na Graduação.

¹³ Se faz importante destacar que apesar da Yoga ter aparecido como um método somático, a yoga é uma prática milenar que inclusive inspirou muitos criadores das práticas somáticas, como por exemplo Ida Rolf, criadora do método Rolfing® Integração Estrutural, foi praticante de yoga, e alguns princípios e ferramentas do método estão relacionados a essa experiência. Yoga é uma filosofia de vida “relacionada ao budismo e ao hinduísmo, com práticas como exercícios e meditação para trabalhar a parte física e também a mente [...] tem sua origem na Índia, há mais de 5000 anos, e atualmente é conhecido não apenas como uma filosofia de vida, mas também como sistema holístico que trabalha o corpo e a mente ao mesmo tempo. A yoga trabalha as emoções, ajuda as pessoas a agir de acordo com seus pensamentos e sentimentos, além de trazer um profundo relaxamento, concentração, tranquilidade mental, fortalecimento do corpo físico e o desenvolvimento da flexibilidade.” Disponível em: <https://www.significados.com.br/yoga/> Acessado em: 02/2021.

Podemos observar através do gráfico que o contato com métodos somáticos da maioria dos alunos se deu primeiramente através da UFRJ, sendo um total de 37 alunos. Apenas um aluno não soube responder e 13 alunos disseram que não. Sobre o contato com os métodos somáticos durante a graduação, 45 alunos responderam que sim, três disseram que não, e três não souberam responder.

Algo que achei bastante interessante é que houve um número considerável de alunos que respondeu não saber ou não saber responder sobre os métodos da Educação Somática, mas que consegue identificar a experiência de corpo a partir de um viés somático nas disciplinas que cursaram. Vê-se claramente pelos gráficos que um grande número de alunos consegue identificar ter tido contato com os métodos somáticos em disciplinas da graduação, inclusive ressaltando em quais. Ao mesmo tempo pude perceber que quanto mais o aluno tem conhecimento sobre os métodos somáticos, mais ele consegue identificar essas práticas nas diferentes disciplinas. Quando não temos tanto conhecimento do campo, fica mais difícil reconhecer um método somático utilizado como abordagem durante uma aula quando o professor não fala sobre o campo de forma direta.

Na figura abaixo vê-se quais disciplinas foram mais citadas pelos alunos, estando presentes as que foram citadas mais de uma vez. As disciplinas que foram colocadas sem especificidade, relacionando A, B ou C, foram respeitadas conforme resposta do aluno. As disciplinas que foram citadas apenas uma vez e não se encontram no gráfico foram: Atividade de Integração Balé e Contemporaneidade (*), Atividade de Integração Balé e Contemporaneidade B, Dança e Acessibilidade, Atividade de Integração Dança e Acrobacia (*), Atividade de Integração Dança e Alongamento, Atividade de Integração Dança e Teatro (*), Didática da Dança II, Fundamentos da Dança, Laboratórios da Dança A, Laboratórios dos Parâmetros da Dança C, Técnica Geral da Dança e Yoga e Dança A e B.

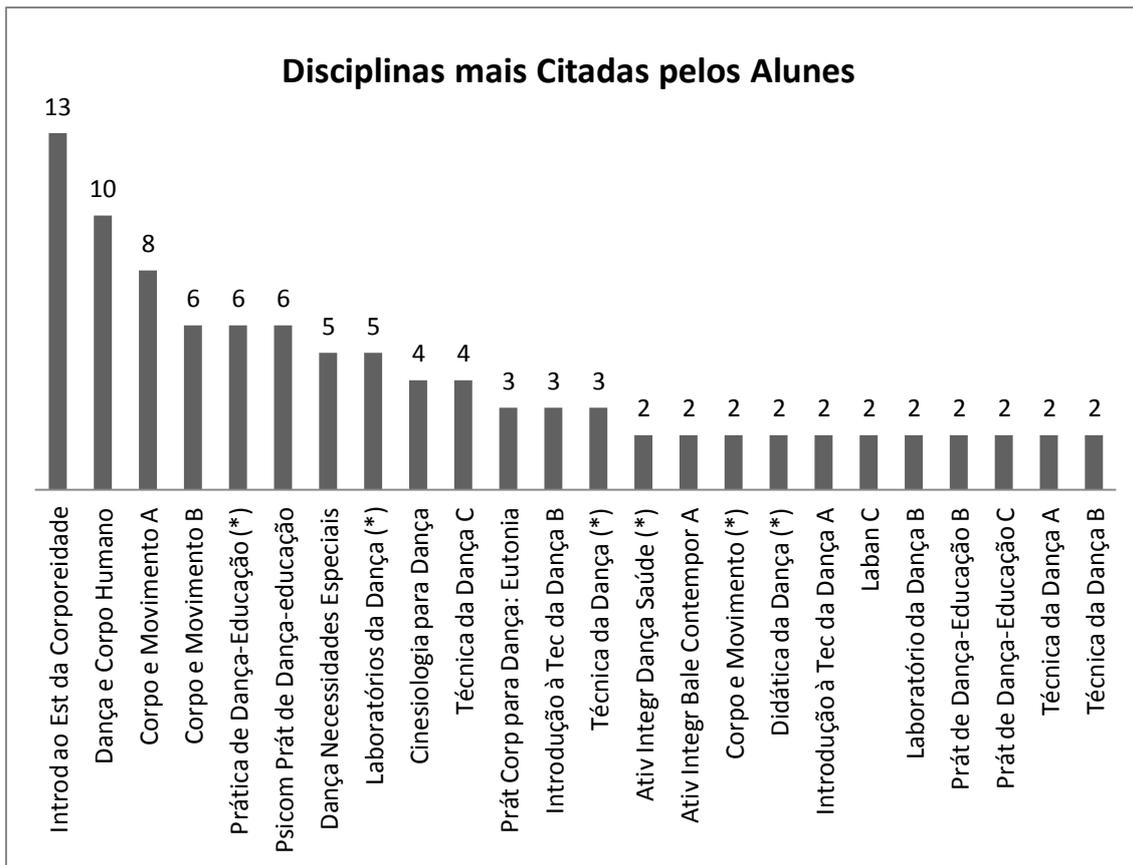


Figura 11: Escala - Disciplinas mais Citadas.¹⁴

A partir da escala, podemos ver que de uma forma geral, muitas disciplinas do curso foram citadas, o que nos faz pensar que pode haver Educação Somática em toda e qualquer disciplina, e isso vai depender da abordagem pedagógica utilizada pelo professor. Muitos alunos reconhecem e identificam o estudo somático não a partir da identificação dos métodos, e sim a partir do reconhecimento do docente ter na sua prática e/ou formação o estudo desses métodos. Isso apareceu em falas de alunos ao dizer: “Disciplina ministradas por Ruth Torralba, Lídia Larangeira, [Maria] Alice Poppe”, mesmo sem ter cursado nenhuma disciplina com essas professoras. Ou então: “Não me recordo muito bem mas creio que teve uma [disciplina] de uma professora chamada Julia [Coelho França] e um pouco da professora Cida Donato também. De outras, não me lembro.”.

Outra coisa possível de se perceber é que disciplinas do início do curso, como “Introdução aos Estudos da Corporeidade”, “Corpo e Movimento A e B” e “Dança e Corpo Humano” concentram o maior número de respostas, o que me leva a perceber

¹⁴ (*) As disciplinas foram sinalizadas pelo fato do aluno não ter especificado I e II, como no caso da disciplinas de Didática da Dança I e II ou A, B e C, sendo o caso de todas as outras disciplinas.

que muitos alunos tem bastante contato com o campo da Educação Somática no início do curso, mas que ao longo do curso esse contato diminui. Além disso, algumas das disciplinas citadas são optativas para os três cursos, sendo oferecidas de acordo com a disponibilidade de horário do professor, como “Práticas Corporais para a Dança: Eutonia”, “Atividade de Integração Dança-Saúde”, e “Laban C” e outras são oferecidas como obrigatórias apenas aos alunos da Licenciatura, e os alunos dos outros cursos acabam não passando por elas como “Prática de Dança-Educação”, “Psicomotricidade Prática Dança-Educação” e “Dança e Necessidades Especiais”.

6.1.4. Experiências Somáticas ao longo da Graduação.

Numa escala de 1 até 5, onde: 1) ruim, 2) razoável, 3) bom, 4) muito bom e 5) excelente, como você classificaria seu contato com métodos da Educação Somática durante a sua formação até agora?

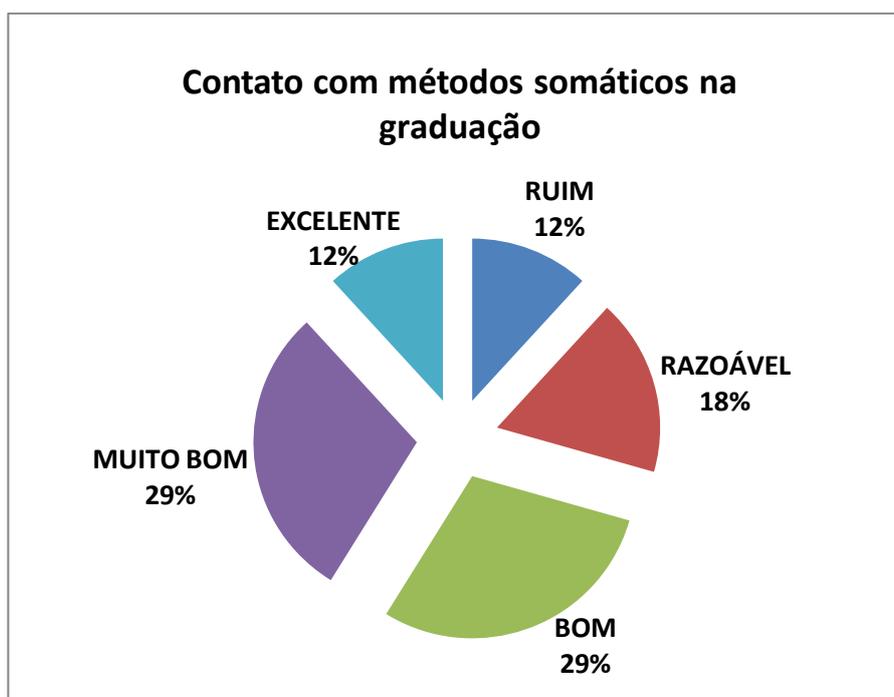


Figura 12: Gráfico - Contato com Métodos Somáticos na Graduação.

Como podemos ver no gráfico, seis alunos classificaram seu contato com métodos da Educação Somática durante a sua formação até o momento como “Excelente”, 15 alunos como “Muito bom”, 15 alunos como “bom”, nove alunos responderam “Razoável” e seis alunos disseram “Ruim”.

Este capítulo aborda a experiência dos alunos, que relatam suas trajetórias somáticas durante a graduação em Dança na UFRJ, a partir do contato que tiveram

com os métodos da Educação Somática em disciplinas, projetos de extensão e outros. Como este capítulo é voltado para as experiências, antes de falar aqui a partir das experiências dos colegas, gostaria de trazer um pouco sobre minha experiência com os métodos somáticos durante a graduação. Se for considerar um conhecimento de forma mais direta, eu diria que tive mais contato através de projetos de extensão, como o projeto “O Corpo Vai a Escola”, da professora Silvia Soter, citado no capítulo anterior, onde participei de três oficinas: Experimentações somáticas a partir dos Bartenieff Fundamentals, com a professora Lígia Tourinho, sobre o Método Ehrenfried com a professora Silvia Soter e Body-Mind Centering® com Dani Lima. Além desse, o evento Trans-In-Corporados, realizado pelo LAB Crítica, projeto de extensão da professora Ligia Tourinho e do professor Sérgio Andrade, também foi bastante agregador na minha formação, onde participei de mesas que abordavam o conhecimento teórico e diferentes experiências do campo, visto que o evento tinha um eixo sobre pedagogias contemporâneas, tinha muita coisa do campo da Educação Somática acontecendo.

Das disciplinas em que tive um contato com as práticas somáticas, eu diria primeiramente Laboratório C, onde a professora Julia Coelho, formada pelo método Body Mind Centering (BMC), trouxe para a disciplina essa abordagem. Na época eu não sabia que BMC era um método do campo da Educação Somática. Não nos foi apresentado o termo, e sim conteúdos presentes na ementa da disciplina, usando o BMC como abordagem pedagógica. Além dessa disciplina, em Corpo e Movimento B e Corporeidade, com as professoras Letícia e Calfa, tive contato com exercícios somáticos, pois como Calfa mesma fala na entrevista, ministra aulas inspiradas na Eutonia, e contextualiza de onde vem a inspiração para a proposição da aula. Letícia também aborda uma metodologia que já é uma dinâmica própria, onde somente ela pode oferecer as aulas que dá, pois são bastante autorais, e tem a assinatura dela enquanto aprendiz direta da Angel e também enquanto praticante de Eutonia.

Além dessas, outra disciplina que tive experiências somáticas foi Introdução à Técnica da Dança B, com a professora Lídia Lorangeira, onde tive contato com exercícios, que hoje entendo que fazem parte de práticas somáticas, mas que durante o curso da disciplina eu não imaginei que se tratava de tal, talvez por ter sido vivenciada no início da graduação, onde eu não conhecia muito sobre o campo, e Dança e Corpo Humano, com a professora Tânia Ikeoka, onde ela trouxe muitos exercícios da Educação Somática a partir da sua formação em Roling®-IE. Consegui identificar

melhor as aulas com conteúdos do campo, pois eu já estava no sétimo período e havia iniciado o estudo sobre o campo da Educação Somática.

Falando a partir de agora sobre os relatos trazidos pelos alunos em relação às suas experiências com os métodos somáticos durante a graduação, alguns tiveram sensações parecidas com a minha, onde ficou o desejo de aprender mais sobre o campo que vem ganhando espaço nos corpos e mentes dançantes. Esses alunos relatam que fica a sensação de um “gostinho de quero mais”, onde poderíamos ter mais disciplinas específicas do campo da Educação Somática. Uma vontade de aprender mais e ter mais contato com métodos somáticos durante a graduação. Segue um esquema com respostas de alunos que tiveram essa sensação.

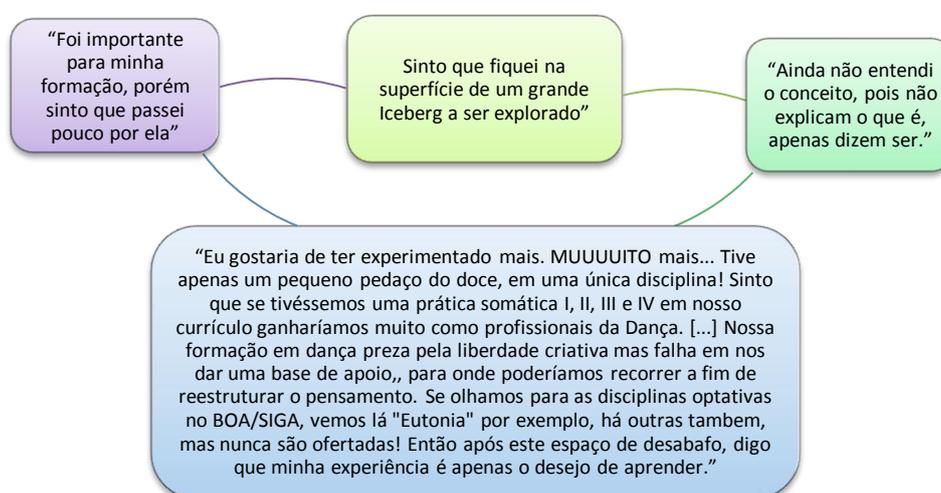


Figura 13: Esquema – “Gostinho de Quero Mais”.

Outro pensamento que alguns colegas compartilham é que para aprender mais sobre o campo e ter um aprofundamento maior das vivências e contato com as práticas somáticas se faz importante participar de projetos de extensão e eventos promovidos por esses projetos como seminários, encontros, oficinas, entre outros.

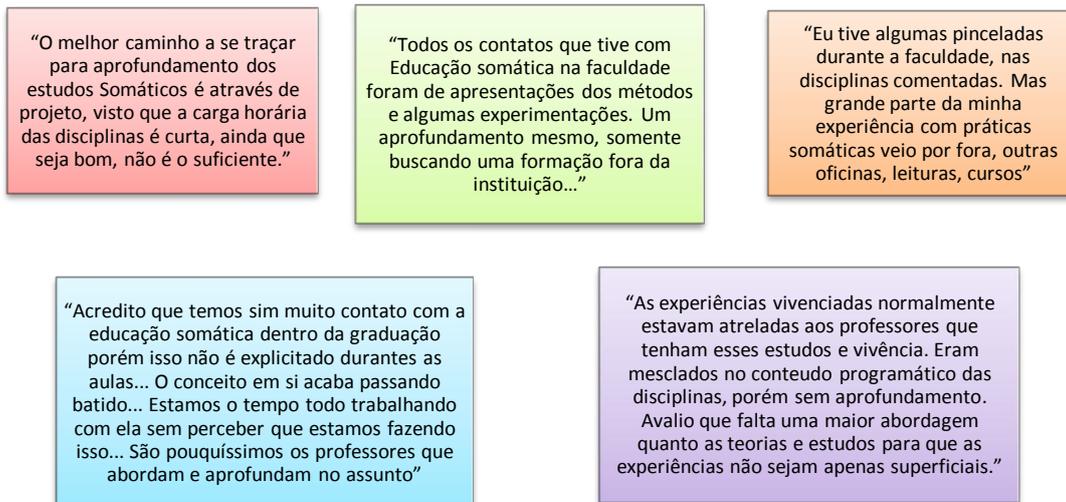


Figura 14: Esquema - Encontros Somáticos na Graduação.

Algumas respostas mostram que nem todos ficaram com a sensação de querer saber mais, e relatam experiências somáticas que ficaram registradas no corpo e na mente. Muitos até trouxeram como um divisor de águas ter tido contato durante a graduação com abordagens somáticas que puderam trazer caminhos na Dança.

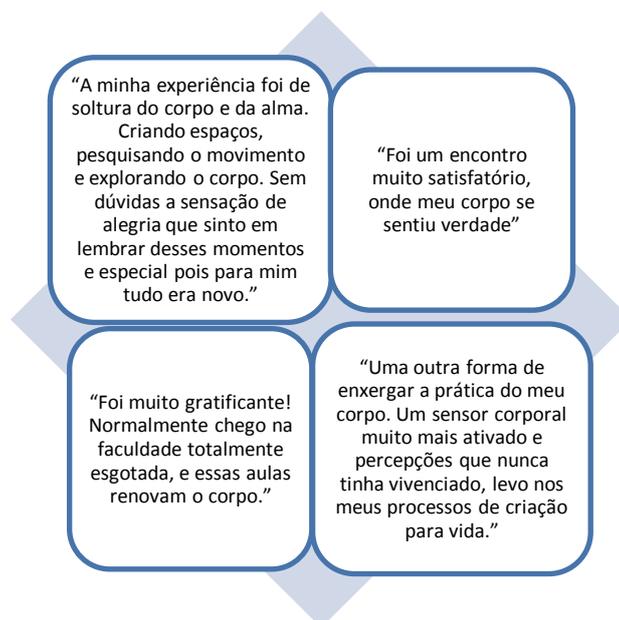


Figura 15: Esquema – Experiências Somáticas.

Muitas falas apontaram que a Educação Somática aparece nas disciplinas a partir da experiência do professor, levando a crer que o professor ter uma abordagem pedagógica que aponte nessa direção pode ser suficiente para que o aluno tenha contato

com o campo, aprendendo mais sobre seus métodos. Alguns alunos citaram professores que fizeram parte de suas somáticas, como mostra o esquema abaixo.

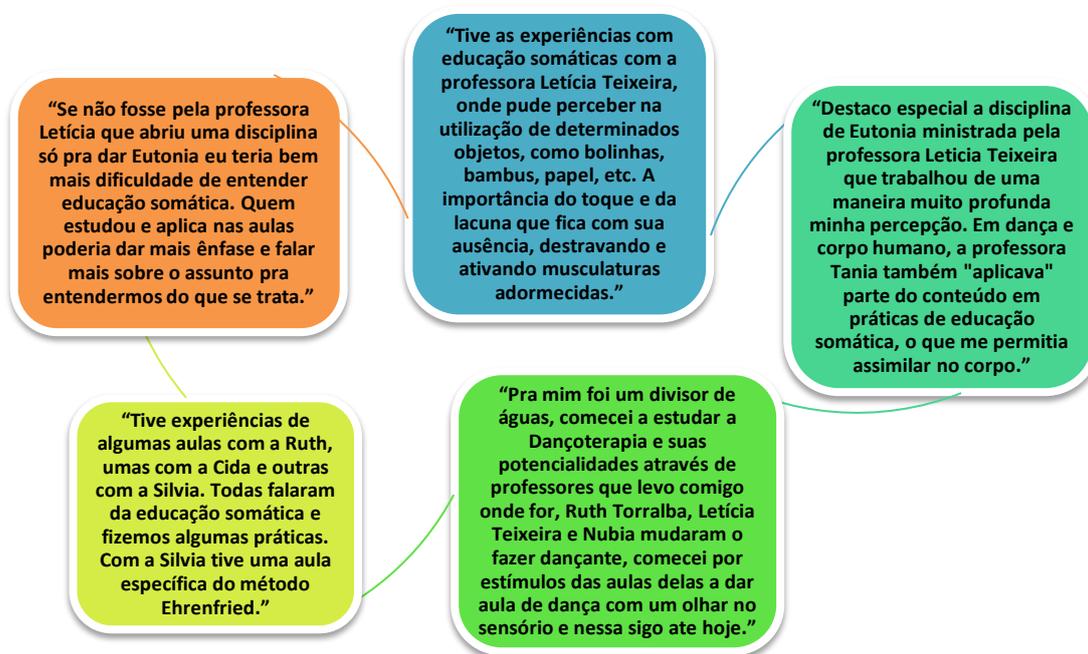


Figura 16: Esquema – Professores e Trajetórias Somáticas 1.

Outros trouxeram essa experiência do professor de forma mais geral, reconhecendo que suas ferramentas metodológicas ligadas às abordagens somáticas os fizeram ter experiências agregadoras em suas formações, conforme o próximo esquema.

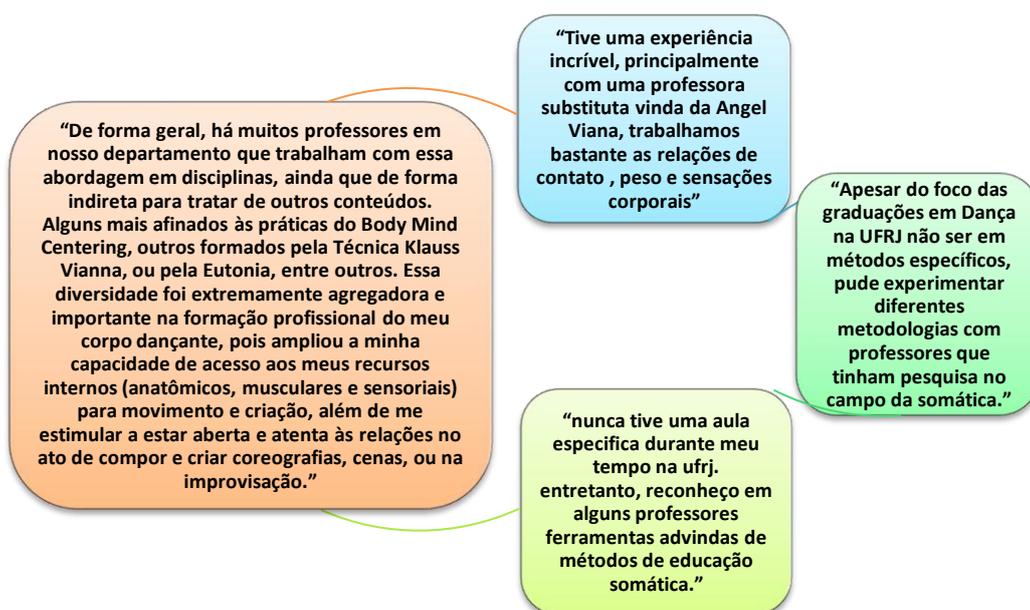


Figura 17: Esquema - Professores e Trajetórias Somáticas 2.

Além das falas apresentadas a partir dos esquemas, alguns alunos trouxeram ainda falas que abordam o lugar de criação artística que a Educação Somática pode ter, trazendo enfoques específicos sobre abordagens somáticas para a preparação do corpo cênico. Outros falaram sobre a importância da somática para o autoconhecimento, entendimento dos seus limites anatômicos, e para a identificação de sensações a partir da via sensorial, te levando para um lugar do cuidado com o corpo.

Para finalizar trago à reflexão a fala da Fernanda Souza, uma colega de turma que trouxe uma síntese que vai de encontro ao que penso sobre o campo da Educação Somática dentro da nossa formação, onde a presença da somática é constante, mas um aprofundamento não é proporcionado nas disciplinas.

A Educação Somática sempre atravessou trabalhos, discursos, temas, conteúdos e/ou outros em mais de uma disciplina que cursei (na verdade por lembrança não consigo mencionar todas, mas foram várias em que houve pelo menos citação). No entanto, o aprofundamento dos conceitos ou das técnicas e temas me parece ser ainda bem superficial em diversos aspectos. Eu acredito saber o que é, tentei responder dentro daquilo que acredito ter captado durante o curso, e com isto creio conseguir identificar alguns conceitos ou práticas deste campo. Mas não é uma área que a graduação tenha me possibilitado esclarecimento para tratar a vontade sobre o tema, com alguma forma de domínio ou aprofundamento. Tive mais experiências sobre práticas somáticas com professores com formação e/ou maior contato com a Angel Vianna. No entanto, entendo que apenas os alunos que buscam pesquisar sobre, paralelamente, conseguem um aprofundamento mais real do tema na graduação. Também, coloco que as práticas somáticas acabaram não sendo meu maior foco durante a graduação. Embora tenha gostado muito trabalhos e experiências de aula que traziam práticas de Educação Somática em suas abordagens, mas muitas vezes tive disciplinas com professores de linhas diferentes e, talvez, estes pontos interferiram na minha percepção geral sobre o conteúdo e as experiências oferecidas no curso sobre este campo do saber.

Levando em consideração as falas dos alunos passo a refletir sobre a necessidade de haverem ou não disciplinas específicas sobre o campo, ou se a Educação Somática vindo a partir da abordagem pedagógica do professor já contempla e proporciona aos alunos estudos somáticos do corpo durante a graduação em Dança. Vamos refletir sobre o assunto no próximo capítulo a partir da pesquisa com os professores.

6.2. Pesquisa com os Professores

A pesquisa com os professores foi feita nos mesmos moldes da pesquisa com os alunos: parte quantitativa e parte qualitativa. Durante a realização da pesquisa o corpo docente do Departamento de Arte Corporal da UFRJ contava com um número 39 de

professores que dão aula para os alunos dos três cursos. Participaram da pesquisa 26 professores, representando dois terços desse corpo. O questionário¹⁵ online direcionado aos professores contou perguntas que pudessem trazer a forma como o professor compreende o estudo do campo da Educação Somática dentro do processo de formação do aluno e dentro do currículo acadêmico. Além disso, foi possível fazer um mapeamento dos professores que tem formação em práticas somáticas, pois é importante que se tenha a vivência no campo para que possa transmitir o conhecimento.

6.2.1. Conhecimento e Formação em Práticas Somáticas.

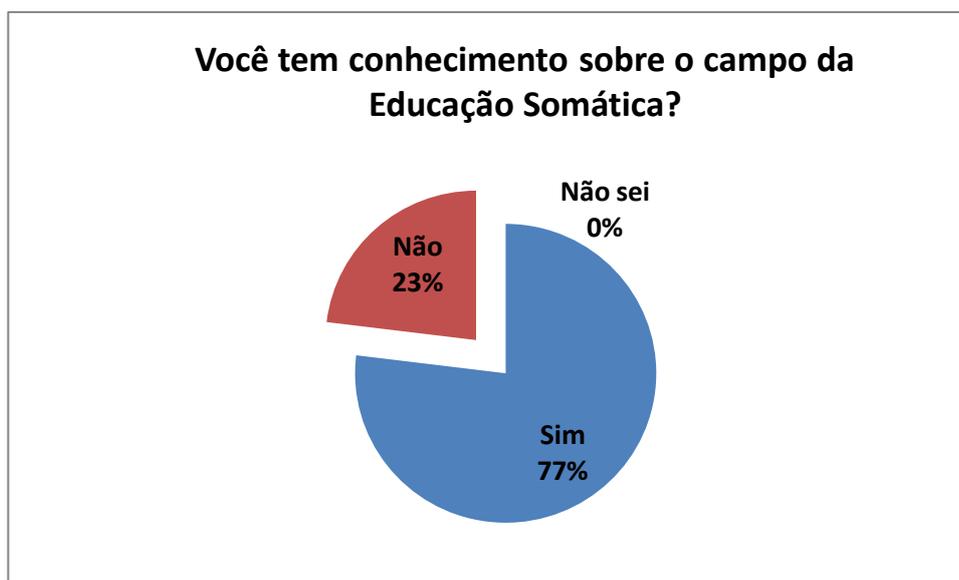


Figura 18: Gráfico - Conhecimento sobre o Campo.

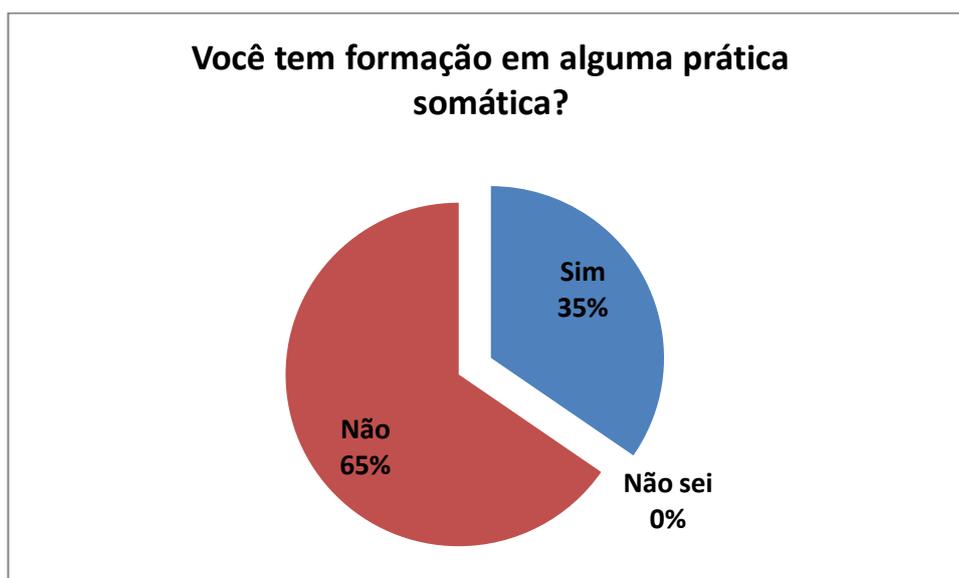


Figura 19: Gráfico - Formação em Práticas Somáticas.

¹⁵ O questionário respondido pelos professores está como ANEXO B.

A partir dos gráficos é possível ver que 20 professores disseram ter conhecimento sobre o campo da Educação Somática. Desses, alguns dizem ter um conhecimento básico sobre o assunto ou ter pouco conhecimento, e outros dizer ter tido algumas aulas e buscam leituras para conhecer mais sobre o campo. Porém, quando perguntados sobre a formação, apesar do número cair para nove, temos ainda um número expressivo no que diz respeito às diferentes formações em práticas somáticas. Esses professores, apesar de não muitos, têm uma potência incrível, e acredito eu, um número suficientemente bom para assegurar ser possível dar disciplinas ligadas à Educação Somática de forma mais direta, se fosse o caso de uma reforma curricular, onde essas disciplinas pudessem estar mais presentes. Não estou dizendo que se faz necessário uma reforma, apenas que o corpo docente é bastante capacitado para oferecer tais disciplinas.

Uma questão levantada ao longo desse trabalho, que apareceu tanto nas entrevistas quanto na pesquisa com alunos e professores, foi que a Teoria Fundamentos da Dança (TFD) de Helenita Sá Earp pode ser considerada uma prática somática pois compartilha de alguns princípios que são norteadores dentro do campo. Sobre esse assunto, a professora Inês Galvão diz considerar as práticas relacionadas à Teoria Fundamentos da Dança de Helenita Sá Earp como sendo somáticas, apesar da TFD não ser “reconhecida pelo campo dos Estudos da Somática como tal.”. A professora Maria Alice Motta, reforça essa ideia, dizendo que as ferramentas pedagógicas que ela adquiriu a partir da TFD tem um viés somático e está ligado ao que conceitualmente se entende como Educação Somática:

Não possuo uma formação específica no que se tornou um entendimento comum chamar de educação somática. No entanto, possuo uma graduação em Dança onde o corpo e o conhecimento se dão (também e, principalmente) através da via somática. Utilizo os Fundamentos da Dança como filosofia e ferramental básico para a docência. Nos Fundamentos, o parâmetro central é o corpo em seus múltiplos aspectos, logo, trabalho também a partir do que se entende conceitualmente como educação somática. Uma vez que minhas ferramentas pedagógicas são abertas e permitem a inserção e intercessão de outras metodologias, toda a experiência vinda através do corpo e que possa gerar conhecimento e reflexão são agregadas. Tudo que soma amplia o Soma.

A formação em dança traz diferentes vivências em práticas que possuem um viés somático, e isso pode capacitar o professor a experimentar tais vivências com os alunos em disciplinas cuja ementa permitam esse lugar como Corporeidade e alguns laboratórios de criação. A professora Mabel Botteli fala sobre o assunto:

A formação Somática faz parte de um todo maior que é a formação em dança a que solicita múltiplos aprendizados. A mesma contribui para uma formação com maior consciência do movimento, mais flexibilidade tônica e assim mas riqueza expressiva, desenvolve as sutilezas da linguagem e deste modo a qualidade do ser educador, bailarino e pensador da dança.

Percebo com ambas as pesquisas que a Educação Somática está presente na formação do aluno a partir da abordagem pedagógica de professores que tem essa formação, e portanto, sua prática de ensino vai refletir seu conhecimento e sua trajetória, como bem coloca a professora Cláudia Millas: “Acredito que em todas as minhas práticas de ensino a educação somática esteja presente, independente da disciplina, pois não se trata de um conteúdo, mas de *modos operandi*. Seria antes a maneira como penso e organizo o conhecimento, como uma via somática.”

Além da questão da formação, e da importância do conhecimento e experiências com práticas somáticas como caminho para transmissão desse saber, o questionário contou com perguntas que abordassem como os professores percebem o ensino das práticas somáticas dentro dos cursos de Dança da UFRJ, como veremos a seguir.

6.2.2. O Ensino da Educação Somática nos cursos de Dança da UFRJ.

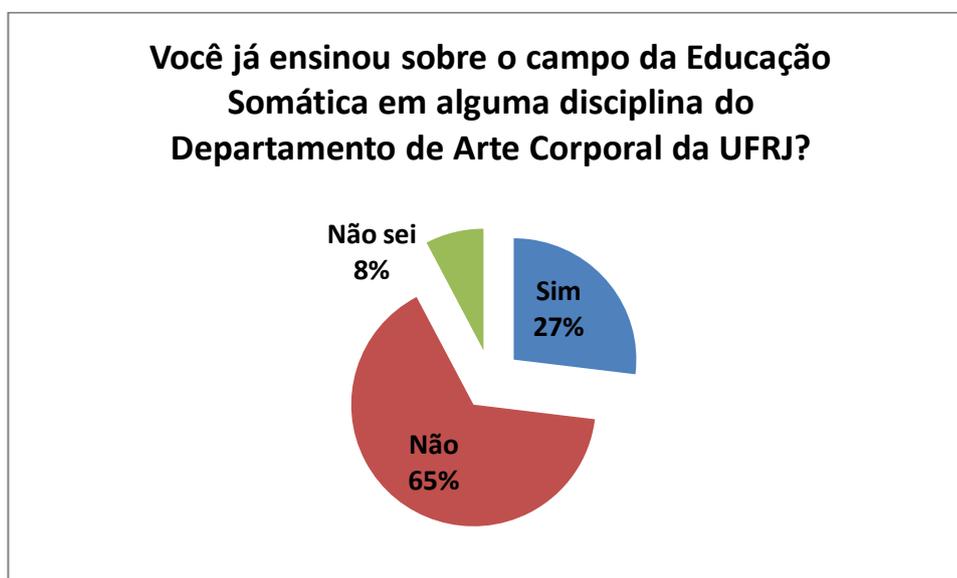


Figura 20: Gráfico - Sobre o ensino da Educação Somática.

O gráfico mostra que foi grande o número de professores que respondeu não ter ensinado sobre o campo da Educação Somática em alguma disciplina do DAC, somando 17 professores. Apenas sete professores, dos 26, responderam sim. Todos os professores que responderam não ter formação (17 professores, como mostra a figura

17), responderam não ou não sei responder ao serem perguntados se ensinou sobre o campo em alguma disciplina e apenas dois professores, dos nove professores que disseram ter formação em diferentes práticas somáticas (como mostra a figura 17) diz não ter ensinado sobre o campo em alguma disciplina dos cursos de Dança da UFRJ.

Os professores que disseram ter ensinado sobre Educação Somática nas disciplinas, ao pedir para comentarem se o conteúdo ministrado está relacionado ao campo da Educação Somática de uma forma mais geral (enquanto um pensamento holístico, integrativo e que reúne vários saberes) ou se está relacionado a uma prática somática específica, responderam que se utiliza de ambos os caminhos, e que muitas vezes vai depender da ementa da disciplina. Disciplinas optativas como “Laban” e “Yoga e Dança” permitem falar da prática de forma direta. Disciplinas como “Introdução aos Estudos da Corporeidade” e “Corpo e Movimento” permitem falar do campo de uma forma mais geral, muitas vezes misturando diferentes abordagens.

Aos professores que responderam “sim” ao ensino sobre o campo da Educação Somática em alguma disciplina nos cursos de Dança foi solicitado para citarem em quais. Segue abaixo uma escala das disciplinas mais citadas. Alguns professores não citaram disciplinas específicas, alegando que de certa forma o campo somático está presente em toda sua abordagem pedagógica, como bem colocou a professora Cláudia Millas, acima citada.

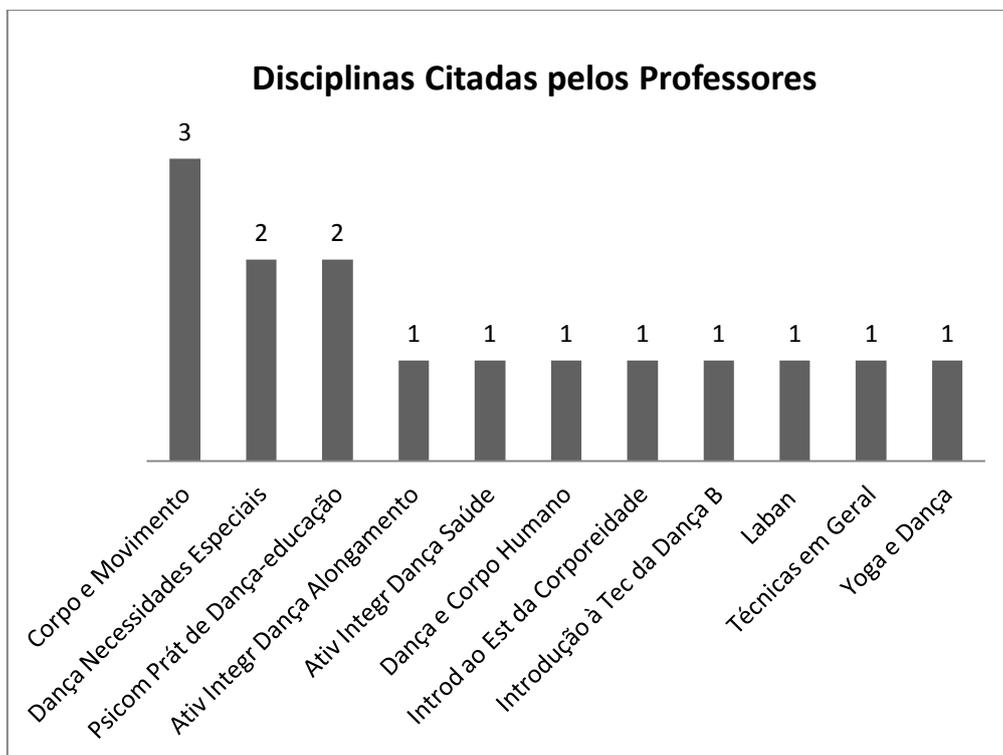


Figura 21: Escala – Disciplinas Citadas pelos Professores.

É importante levar em consideração que as disciplinas “Atividade de Integração Dança-Saúde”, “Laban” e “Yoga e Dança”, “Atividade de Integração Dança Alongamento” são optativas (menos a última que é obrigatória apenas para o Bacharelado) e que as disciplinas “Psicomotricidade Prática de Dança-Educação” e “Dança e Necessidades Especiais” são oferecidas como obrigatórias apenas aos alunos de Licenciatura, e assim, das disciplinas citadas pelos professores apenas metade é obrigatória aos alunos dos três cursos.

6.2.3. Processo de Formação e Currículo Acadêmico

Ao final do questionário, convido o professor à avaliar o espaço que o campo da Educação Somática tem nos cursos de Bacharelado em Dança, Licenciatura em Dança e Bacharelado em Teoria da Dança da UFRJ, tanto no que diz respeito à formação do aluno quanto em relação ao currículo acadêmico, classificando a partir de uma escala de 1 até 5, onde: 1) ruim, 2) razoável, 3) bom, 4) muito bom e 5) excelente.

Entendo ser importante essa diferenciação, pois se formos falar do campo dentro do currículo acadêmico, estamos falando de uma estrutura curricular¹⁶ que tem como base a Teoria Fundamentos da Dança, de Helenita Sá Earp. Toda sua construção metodológica deu origem ao curso de Dança da UFRJ. Essa metodologia possui total condição de trazer de forma completa uma formação acadêmica em Dança, mas ainda assim penso ser importante dialogar sobre uma possível abertura à novas abordagens e metodologias que estudam o corpo e o movimento.

Ao mesmo tempo, percebo que há bastante espaço para a Educação Somática dentro da formação do aluno durante sua trajetória na graduação. A formação engloba toda nossa experiência que a universidade proporciona, dentro e fora dela. A formação do aluno vai se dar a partir da sua participação em projetos de extensão, seu envolvimento com as disciplinas e as escolhas de disciplinas optativas que sejam de assuntos do seu interesse de conhecimento. Faz parte também da formação do aluno sua

¹⁶ Fazendo uma breve reflexão sobre a estruturação curricular dos cursos de Bacharelado, Licenciatura e Bacharelado em Teoria da Dança da UFRJ, se faz importante dizer que os cursos de Bacharelado em Dança criado em 1994, Licenciatura em Dança e Bacharelado em Teoria da Dança, criados em 2010, “possuem um eixo comum de disciplinas que foram amplamente embasados nos Fundamentos da Dança de Helenita Sá Earp [...] o curso tem como um de seus marcos conceituais os “Fundamentos da Dança”. Fugindo de uma visão fragmentada do ser humano, a teoria de Earp busca pesquisar - de forma absolutamente detalhada - as possibilidades corporais, visando à poética da criação pela fluidez de um corpo aberto à intuição.” (MEYER et al, 2018, p.2). Disponível em: <https://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/viewFile/4175/4190> Acessado em 02/2021.

busca e participação em seminários, oficinas, apresentações e todos os eventos que contribuem para construção do saber. São processos que vamos buscando e construindo a partir da graduação e que vai construindo nossa trajetória acadêmica enquanto aluno.

Apesar de considerar importante essa diferenciação, ao observar os gráficos, percebe-se que o resultado foi muito parecido e a maioria dos professores deu a mesma avaliação para as duas perguntas. Seguem abaixo os gráficos com as avaliações dos professores sobre o espaço que o campo da Educação Somática tem no currículo acadêmico e na formação do aluno.

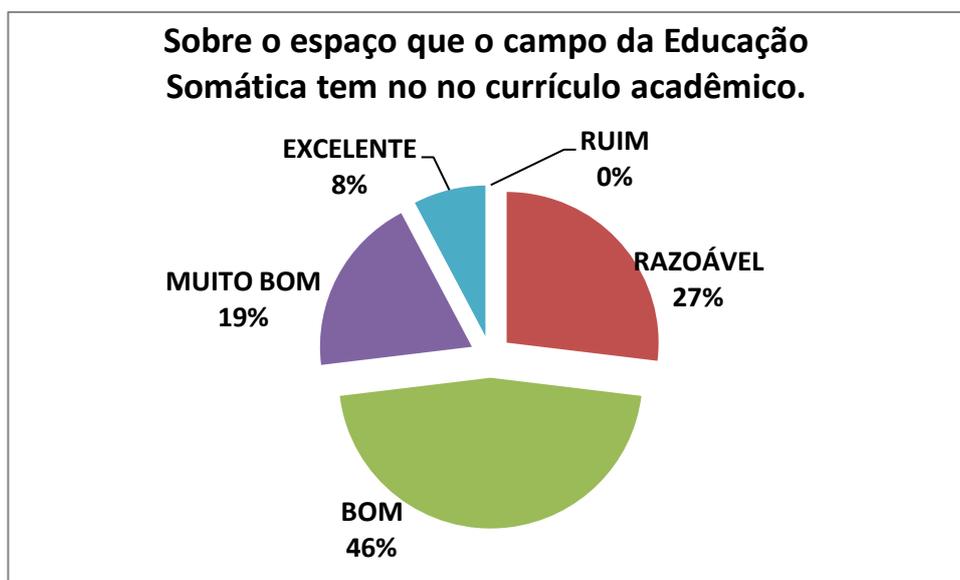


Figura 22: Gráfico - Currículo acadêmico.

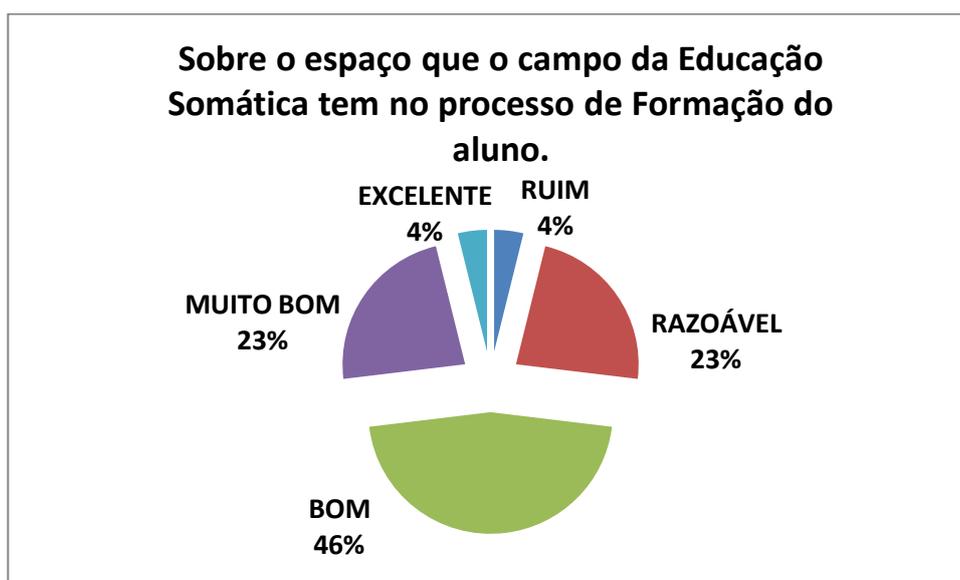


Figura 23: Gráfico - Formação do Aluno.

Como podemos ver no gráfico, sobre o espaço que o campo tem no currículo acadêmico, nenhum professor respondeu ser “Ruim”, sete professores avaliaram como “Razoável”, doze como “Bom”, cinco disseram ser “Muito Bom” e apenas dois responderam “Excelente”. Ao perguntar sobre esse espaço na formação do aluno, como dito, as respostas foram muito parecidas: um professor respondeu ser “Ruim”, seis professores colocaram como “Razoável”, doze como “Bom”, seis disseram ser “Muito Bom” e apenas um classificou como “Excelente”. Foram apenas quatro professores, dos 26, que deram uma avaliação diferenciada. Desses quatro professores, três avaliaram melhor o espaço que o campo da Educação Somática tem no currículo acadêmico, do que na formação do aluno, contrariando a hipótese aqui levantada.

No questionário, após a avaliação, convido os professores a tecerem comentários sobre esse espaço, e apesar dos dados qualitativos irem na direção contrária a hipótese apresentada, alguns professores reconhecem e identificam o pouco espaço da Educação Somática dentro do currículo, conforme mostra a figura a seguir, com algumas falas dos docentes.

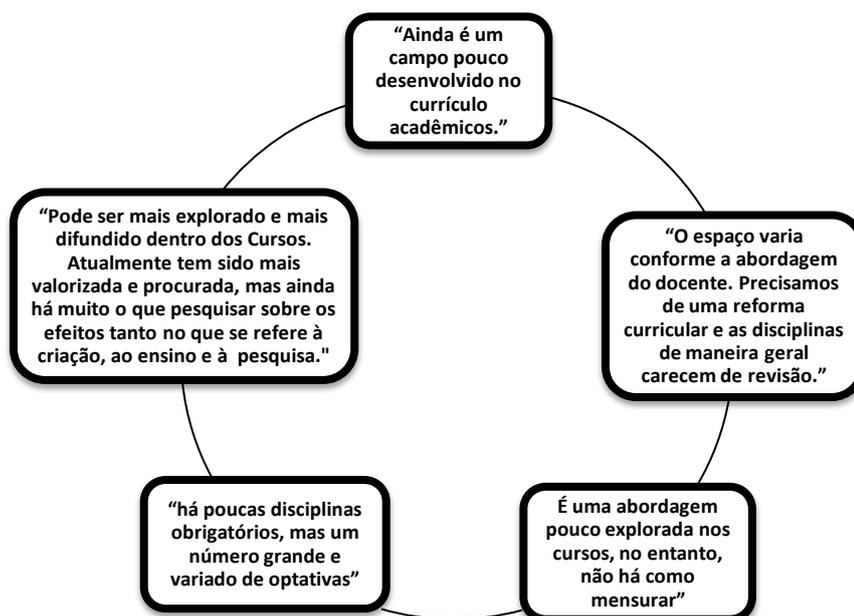


Figura 24: Esquema - Sobre o Espaço do Campo da Educação Somática.

Ao mesmo tempo, a grande maioria dos professores identifica que há bastante espaço na formação, apontando ser um conhecimento que vem para o aluno a partir da bagagem do professor, sua formação e seu conhecimento em práticas somáticas. Assim, colocam que a Educação Somática está presente de forma indireta nas disciplinas, reconhecendo que algumas permitem o ensino de práticas somáticas a partir da

abordagem utilizada pelo professor que possui tal formação, apontando que, ao contrário da pesquisa quantitativa, a pesquisa qualitativa com professores vai de encontro à hipótese apresentada. Abaixo seguem mais dois esquemas com falas de professores que caminham nessa direção, mostrando que foram muitas as respostas neste sentido.

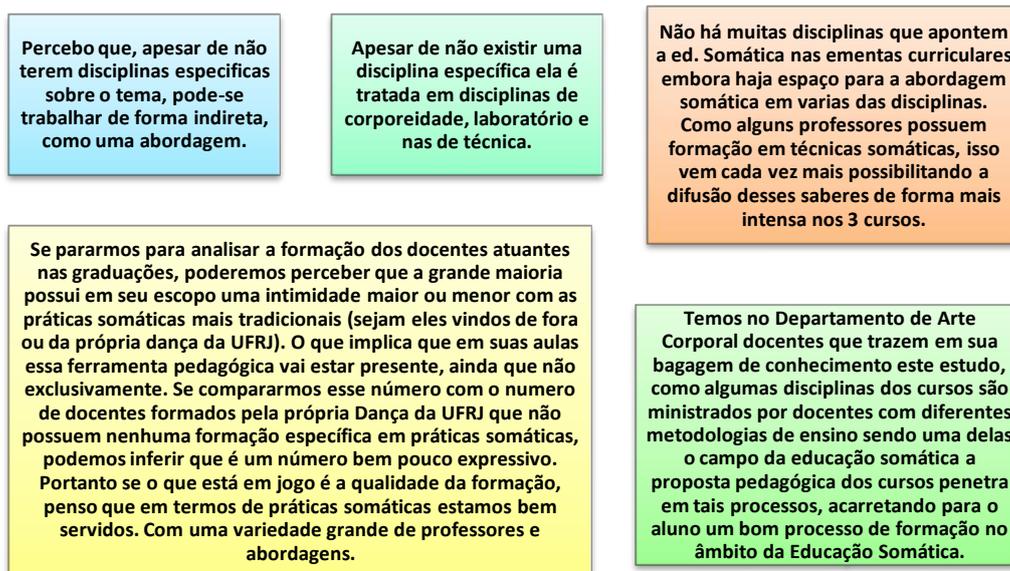


Figura25: Esquema - Abordagem Somática 1.

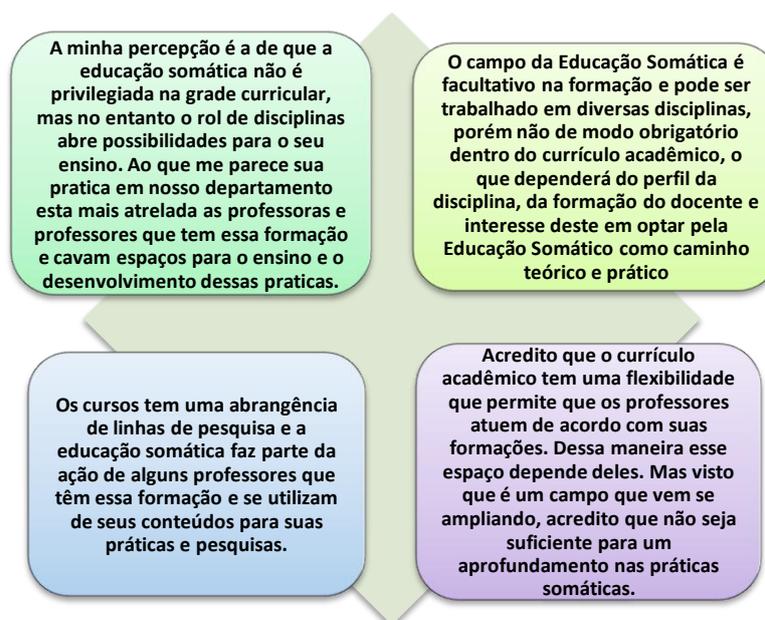


Figura 26: Esquema - Abordagem Somática 2.

E por fim, se faz importante compreender aquilo que é importante para uma formação em Dança e como coloca a professora Mariana Trotta: “Fundamental em uma formação em dança entender o corpo em sua integridade e colocar o corpo como o lugar do acontecimento. A escuta do corpo e aguçar seus sentidos são requisitos essenciais para compreender o corpo como a apreensão do mundo.”.

7. Considerações e Entrelaces

A Educação Somática é um campo que vem se integrando cada vez mais com a Dança e diferentes campos como a Arte e Educação, devido seu caráter interdisciplinar. Desenvolver esse trabalho de conclusão de curso me fez aprender mais sobre os saberes do campo e vivenciar experiências de escuta do outro tanto através das entrevistas quanto da pesquisa com estudantes e professores. Foi um desafio, em meio à pandemia, conduzir e direcionar os caminhos de pesquisa, visto que a Educação Somática fala da experiência de corpo, presença, toque, trocas, afetos, contatos, sentidos... E assim, como dito na introdução, a escolha pelas entrevistas e pelo questionário ocorreu pela impossibilidade de estarmos juntos compartilhando essas experiências e também pela vontade de compreender como alunos e professores veem o campo da Educação Somática nos cursos de Dança da UFRJ, dentro do currículo acadêmico e no processo de formação do aluno.

7.1. Sobre as Entrevistas: Tecendo Pontos em Comum.

Cada uma das professoras trouxe um pouco do seu saber oral, contribuindo para este trabalho com muitos ensinamentos sobre o campo da Educação Somática, suas práticas e diferentes abordagens pedagógicas. Alguns pontos em comum relatados pelas três professoras ficaram evidentes em suas falas. O primeiro deles é a necessidade da vivência das práticas para ser possível falar a partir dela. Ficou bem claro que o lugar da experiência é fundamental para ter o conhecimento dos métodos. Todas reconhecem a importância da literatura e do estudo teórico, mas enfatizam a importância de aprender com o corpo a partir do contato prático com os métodos. Ressaltam inclusive, que a grande maioria das práticas somáticas nasceu de experiências pessoais e necessidades de curar a si mesmo. Outro ponto em comum é que as práticas somáticas despertam a inteligência corporal e levam a uma percepção de si e a um lugar de potência do corpo. Todas veem a somática como um lugar que possibilita criar, e prepara para esse lugar da criação. Um lugar que prepara o corpo para a escuta e atenção, e para um aumento de respostas motoras, ampliando modos de criar.

Um ponto chave relatado por todas no que diz respeito à forma como o campo da Educação Somática aparece na formação do aluno de dança da UFRJ, foi que mesmo não havendo disciplinas direcionadas para o campo, a Educação Somática é um campo

com infinitas abordagens, que sendo consideradas como Educação Somática ou não, podem se reivindicar como métodos somáticos, pois atuam dentro dos princípios do campo. E assim, essas práticas aparecem na prática docente do professor que tem na sua formação e trajetória contato com alguma prática somática, e mesmo que esse conteúdo seja passado sem ser evidenciada a sua nomenclatura, vai estar presente a partir da perspectiva do professor e sua abordagem metodológica.

Por fim, ressalto o quão foi importante para meu aprendizado e minha escrita ouvir de três professoras que admiro suas experiências e trajetórias dentro do campo da Educação, em primeiro lugar, trazendo a Somática a partir de seus princípios metodológicos. Suas falas me trouxeram esclarecimentos e formas de ver o lugar da Educação Somática, entendendo que existem diversas abordagens e se faz importante reconhecer essas diferenças. Através delas pude perceber que um dos pontos principais dessa caminhada somática é buscar experiências que possam contribuir com os aprendizados e saberes do corpo, ampliando nossos sentidos, e fazendo sentir o verdadeiro soma, esse corpo vivo em toda sua potência de ser.

7.2. Os Deságues da Pesquisa.

A hipótese inicialmente levantada neste trabalho e que deu início à pesquisa era que o contato dos alunos com a Educação Somática e seus diferentes métodos durante a graduação em Dança (UFRJ) de forma direta é ainda muito pequeno. Cada relato foi único e fundamental para a construção dessa pesquisa.

Falando primeiramente da pesquisa com os alunos, a maioria das respostas é de alunos a partir do 7º período, que já passaram por grande parte do curso. É possível perceber através dos gráficos que muitos sabem o que é Educação Somática, conhecem diferentes métodos somáticos e tiveram contato com métodos somáticos durante sua formação. De uma forma geral, as falas mostraram que muitos alunos passaram por experiências somáticas ao longo da sua trajetória acadêmica. Foram relatos em sua maioria muito positivos, de experiências com a Educação Somática que despertaram no aluno sua forma de fazer, pesquisar e respirar a dança. Ao mesmo tempo, se faz importante levar em consideração que há um grupo de alunos que manifestou o desejo de aprender mais, identificando seu contato com o campo durante sua formação como ruim ou razoável.

Parte da hipótese volta o olhar para a forma como esses alunos tem o contato com o campo durante a graduação, levando em consideração que o contato com os métodos se dão mais através de projetos de extensão do que em disciplinas, e que nestas muitas vezes o conteúdo somático aparece de maneira indireta, a partir da experiência do professor, que se utiliza da sua formação em determinado método para dar o conteúdo presente na ementa da disciplina, mas não aborda o conteúdo do campo de forma direta (até porque na maioria das vezes não é o objetivo da disciplina).

Considerando a escala das disciplinas citadas pelos alunos é possível ver que o campo da Educação Somática pode estar presente em muitas disciplinas do currículo acadêmico, e isso vai depender da abordagem utilizada pelo professor conforme a hipótese coloca, porém, as falas mostram que existem algumas disciplinas que permitem falar de forma direta sobre conteúdos do campo. Um dado interessante é que muitos alunos que responderam não saber o que é Educação Somática, conseguiram identificar ter experienciado métodos somáticos em diferentes disciplinas.

Disciplinas como “Introdução ao Estudo da Corporeidade” e “Corpo e Movimento A e B” possibilitam ao aluno um maior contato com o campo, pois sua ementa está vinculada aos princípios somáticos. Porém, estas são oferecidas nos primeiros períodos quando o aluno ainda está aprendendo a caminhar e muitas vezes ainda não tem maturidade acadêmica para absorver o conteúdo da disciplina, como vai acontecendo ao longo do curso, a medida que vai passando por diversas disciplinas, projetos e experiências com a graduação. Então, acredito que mesmo sendo fundamental essas disciplinas no início da graduação, como uma forma de “chegança” e despertar do aluno, creio que poderia ser bastante agregador acrescentar disciplinas como essas ao longo de todo o percurso.

Outro dado mostra que muitas disciplinas em que os alunos tiveram experiências somáticas são obrigatórias apenas para alunos do curso de Licenciatura, como “Práticas de Dança-Educação (A, B e C)”, “Dança e Necessidades Especiais” e “Psicomotricidade Prática de Dança-Educação”, e assim, aponta para a direção que a Educação Somática, por ser interdisciplinar e ter a área da educação muito forte no seu eixo de atuação, suas práticas são mais vivenciadas e experimentadas por alunos de Licenciatura. Um dado importante a ser levado em consideração é que mais da metade dos alunos que responderam essa pesquisa são de Licenciatura, e por isso essas disciplinas apareceram com mais recorrência nas respostas.

Falando agora a partir da pesquisa com os professores, e sobre as disciplinas que ensinaram sobre o campo da Educação Somática nos cursos de Dança da UFRJ, metade das disciplinas citadas são obrigatórias aos três cursos, e a outra metade, parte é obrigatória apenas aos alunos de Licenciatura e parte optativa para os três cursos. Os professores deixaram claro que disciplinas optativas permitem falar do método somático de forma mais direta, como “Laban” por exemplo, e em disciplinas obrigatórias, o conteúdo dado está ligado ao campo da Educação Somática de uma forma mais geral, mostrando que conteúdos do campo não têm tanto espaço para aparecer de forma direta, mas que esse espaço acontece nas disciplinas optativas. É importante considerar que disciplinas optativas não são oferecidas todos os semestres, e quando são, o aluno pode não conseguir se inscrever por conta de conflito de horário com disciplinas obrigatórias, que muitas vezes acabam sendo priorizadas pelos alunos, e assim, muitos finalizam o curso sem passar por essas disciplinas.

Levando em consideração as respostas dos professores, o olhar da grande maioria aponta numa direção que reconhece e identifica a presença da Educação Somática tanto no currículo acadêmico, quanto na formação, e enfatizam que apesar de não aparecer de forma direta nas ementas curriculares, há espaço para abordagens somáticas em muitas disciplinas e a abertura deste espaço vai depender do professor. A partir daí reflito sobre a necessidade de haver disciplinas obrigatórias que abordem o campo da Educação Somática de forma mais direta, ou se o campo aparecer de forma indireta faz com que o aluno compreenda sobre o campo e suas práticas. Talvez, levando em consideração que o objetivo da formação do aluno em Dança não seja um estudo aprofundado do campo, a forma como o conteúdo aparece seja o pontapé inicial para que o aluno possa, a partir de sua trajetória acadêmica, buscar o conhecimento em outros espaços que a universidade possibilita, como projetos de extensão, encontros, seminários, congressos, oficinas, mesas, exposições, entre tantos outros que direcionam o aluno a conhecer mais sobre o campo, se assim for do seu interesse.

Independente de haver ou não essa necessidade, a pesquisa aponta que no corpo docente do DAC temos vários professores com experiência e formação para abraçar disciplinas do campo. Isso foi uma questão levantada pelas professoras nas entrevistas, ressaltando a importância da formação e experiência com o método para poder transmitir esse saber. A partir das falas dos professores sobre suas experiências e

formação em práticas somáticas, é possível ver a potência e diversidade de conhecimento sobre o campo.

Por fim, entendo que os estudos acerca do campo da Educação Somática não seja o objetivo da formação em Dança da UFRJ, construída a partir dos Fundamentos da Dança de Helenita Sá Earp. E, apesar de considerar a Teoria Fundamentos da Dança uma metodologia incrível, com a qual aprendi muito sobre os estudos da Dança, do corpo e do movimento, penso que em uma formação acadêmica de um curso superior universitário, se faz importante termos contato com diferentes métodos e abordagens, bem como ter um espaço para que elas apareçam de forma direta e não fique nas “entrelinhas” das disciplinas. É importante frisar que as práticas somáticas são uma dentre as muitas possibilidades de abordagens da Dança, e acredito ser importante dialogar sobre um currículo acadêmico que se abra a múltiplas perspectivas. Ao mesmo tempo, reconheço que mesmo com pouco espaço dentro das ementas curriculares, há bastante espaço para o campo se considerarmos a formação do aluno e sua trajetória enquanto aluno da Dança/UFRJ.

7.3. Considerações Finais.

De todo esse estudo e pesquisa, fica a vontade e o desejo de experimentar esse corpo-soma, vivendo no corpo, nos sentidos, na pele, no toque, nos contatos, nas trocas, no ser, todo conteúdo sobre o campo da Educação Somática, a partir de laboratórios de pesquisa e criação, e assim, pesquisar com o corpo a Educação Somática entendendo seus princípios e fundamentos a partir da experimentação de exercícios, descobrindo novos caminhos para a construção do conhecimento. Um mergulho no lugar da experiência e experimentação do corpo-soma, o corpo sendo experienciado a partir da percepção de quem o experimenta. A partir dessa experiência de si desembocamos num corpo em estado de devir, isto é, num constante fluxo de transformação e de movimento. Diria então, que há um por vir de experimentações que não foram possíveis de acontecer devido à pandemia e que possibilitarão dar continuidade à pesquisa, fazendo-a renascer e se reinventar a partir da prática.

REFERÊNCIAS

- BOLSANELLO, Débora Pereira. *Afinal, o que é educação somática?* Em: BOLSANELLO, Débora Pereira (Org.). **Em pleno corpo: Educação Somática, movimento e saúde**. 2º ed. Curitiba: Juruá Editora, 2010. 430p.
- _____. **Educação somática: o corpo enquanto experiência**. Motriz, Rio Claro, v.11 n.2 p.99-106, mai./ago. 2005.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Experiência e alteridade em educação**. Tradução Maria Carmem Silveira Barbosa e Suzana Beatriz Fernandes. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n 2, p. 04-27, jul./dez. 2011.
- _____. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. . Revista Brasileira de Educação. n. 19, p. 20-28, Jan/Fev/Mar/Abril, 2000.
- DOMENICI, Eloisa. **O encontro entre dança e educação somática como interface de questionamento epistemológico sobre as teorias do corpo**. Pro-Posições, Campinas, v. 21, n. 2 (62), p. 69-85, maio/ago. 2010.
- FELDENKRAIS, Moshe. **Consciência pelo movimento: exercícios fáceis de fazer, para melhorar a postura, visão, imaginação e percepção de si mesmo**. São Paulo: Summus, 1977... São Paulo: Summus, 2000.
- GINOT, Isabelle. **Para uma epistemologia das técnicas de Educação Somática**. IN: O PERCEVEJO, vo. 2, n.2, julh-dez 2010.
- LIMA, José Antonio de Oliviera. **Educação somática: limites e abrangências**. Pro-Posições, v.21, n.2, p.51-68, 2010.
- MARKONDES, Elaine de. **Dança e educação somática: uma parceria para o movimento inteligente**. In: XAVIER, Jussara, MEYER, Sandra e TORRES, Vera (orgs). Pesquisa em dança – Volume I. Joinville: Letradágua, 2008.
- MEYER, André, TOMÁZ, Fabiana de Araújo, EARP, Ana Célia de Sá, VIEYRA, Adalberto. **Mapeamento da influência do legado de Helenita Sá Earp no perfil profissional de egressos dos cursos de graduação em dança da UFRJ**. Anais ABRACE: v. 19, n. 1 (2018). Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/viewFile/4175/4190> Acessado em 02/2021.
- STRAZZACAPPA, Marcia. **Educação Somática: seus princípios e possíveis desdobramentos**. REPERTÓRIO: Teatro & Dança (UFBA), ano 12, n.13, p.48-54, 2009.
- VIEIRA, Marcilio. **Abordagens Somáticas do Corpo na Dança**. Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 127-147, jan./abr. 2015.

ANEXO A – FORMULÁRIO AOS ALUNES

Nome:

Curso/Período:

1. Você sabe o que é Educação Somática?

Sim

Não

Não sei responder

Em suas palavras, o que é Educação Somática? (*)

2. Você conhece algum método da Educação Somática?

Sim

Não

Não sei responder

Qual(is) o(s) método(s) que você conhece da Educação Somática? (*)

3. Seu contato com a Educação Somática se deu através da UFRJ?

Sim

Não

Não sei responder

4. Você teve contato com algum método da Educação Somática na graduação em Dança?

Sim

Não

Não sei responder

Em quais disciplinas você teve contato com algum método da Educação Somática?

(*)

5. Numa escala de 1 até 5, onde: 1) ruim, 2) razoável, 3) bom, 4) muito bom e 5) excelente, como você classificaria seu contato com métodos da Educação Somática durante a sua formação até agora? 1 2 3 4 5

Para finalizar, conte um pouco sobre sua experiência com a Educação somática durante a graduação em Dança na UFRJ.

(*) Estas questões aparecem apenas aos que responderam SIM.

ANEXO B – FORMULÁRIO AOS PROFESSORES

Nome:

1. Você tem conhecimento sobre o campo da Educação Somática?

Sim

Não

Não sei responder

2. Você tem formação em alguma prática somática?

Sim

Não

Não sei responder

Caso tenha respondido sim em pelo menos uma das perguntas acima, comente sobre seu conhecimento ou formação. (*)

3. Você já ensinou sobre o campo da Educação Somática em alguma disciplina do Departamento de Arte Corporal da UFRJ?

Em quais disciplinas? (*)

Comente se o conteúdo ministrado está relacionado ao campo da Educação somática de uma forma mais geral (enquanto um pensamento holístico, integrativo e que reúne vários saberes) ou se o conteúdo ministrado está relacionado a uma prática somática específica (Neste caso, cite qual). (*)

4. Numa escala de 1 até 5, onde: 1) ruim, 2) razoável, 3) bom, 4) muito bom e 5) excelente, como você avalia o espaço que o campo da Educação Somática tem nos cursos de Bacharelado em Dança, Licenciatura em Dança e Bacharelado em Teoria da Dança da UFRJ?

Dentro do currículo acadêmico. 1 2 3 4 5

Numa escala de 1 até 5, onde: 1) ruim, 2) razoável, 3) bom, 4) muito bom e 5) excelente, como você avalia o espaço que o campo da Educação Somática tem nos cursos de Bacharelado em Dança, Licenciatura em Dança e Bacharelado em Teoria da Dança da UFRJ?

No processo de formação do aluno. 1 2 3 4 5

Comente sobre o espaço que o campo da Educação Somática tem dentro do currículo acadêmico e no processo de formação do aluno dos cursos citados acima.

(*) Estas questões aparecem apenas aos que responderam SIM.